

**Literatura e o ensino do português:
O valor pedagógico e educacional da literatura**

Brunna Lopes

Dissertação de Mestrado em Português

Março de 2018

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português como Língua Segunda e Estrangeira, realizada sob a orientação científica de Professora Doutora Ana Maria Martinho

AGRADECIMENTOS

A vida é movimento e quando podemos observar o quanto crescemos e tudo o que aprendemos com ela, somos enriquecidos. Fazer mestrado era um sonho antigo, mas um pouco distante para mim. Estar na Europa, com o Real brasileiro tão desvalorizado e chegar aqui sem nenhum preparo causou-me muita confusão, mas, como sempre acontece (e precisaria acontecer), também me fez levantar a cabeça e tentar ver por onde poderia começar a trabalhar para fazer isso dar certo.

Sou grata a Portugal pela oportunidade e por ter emprestado o aconchego do seu solo para que eu fizesse daqui o meu lar, mesmo que por pouco tempo. Sou grata à minha família, que esteve comigo e deu-me forças, aos amigos, pelo mesmo motivo, e aos professores, por tanto me ensinaram.

Sinto-me agradecida pelos amigos que comigo trilharam o caminho que me traria até aqui, e acreditaram que seria possível. Aos amigos da vida, aos amigos que comigo dividiram apartamento, aos amigos do trabalho em Portugal e aos amigos de percurso, tão importantes quanto os amigos que carregam a vida inteira.

Aos amigos de percurso que me ajudaram a caminhar, ensinaram-me aonde ir em Lisboa e sempre tiveram uma palavra amiga para me falar. A eles, que me acolheram quando eu precisei e ajudaram-me a tentar ver o sol quando o dia parecia estar totalmente nublado.

Agradeço a vida que vivi até aqui, por me deixar contemplá-la e, por fim (e o mais importante), agradeço a Deus por sempre ter-me indicado e conduzido, com seus braços de amor, para o caminho que deveria seguir.

LITERATURA E O ENSINO DO PORTUGUÊS: O VALOR PEDAGÓGICO E
EDUCACIONAL DA LITERATURA

LITERATURE AND TEACHING OF PORTUGUESE: THE PEDAGOGICAL AND
EDUCATIONAL VALUE OF LITERATURE

BRUNNA LOPES

RESUMO

O trabalho a seguir tem como foco a análise das dificuldades do ensino da literatura, em conjunto com o quadro de imigração europeu e alguns pensamentos de educadores como Paulo Freire e Fernando Savater. É abordado o uso da literatura em sala de aula e como esta pode ser uma boa auxiliadora no ensino de línguas. Como citações, estudaremos brevemente obras da literatura mundial, como *O Pequeno Príncipe*, *Diário de um Banana* e obras de William Shakespeare, no intuito de mostrar como a literatura pode ter um papel transformador no ensino.

PALAVRAS-CHAVE: educação; literatura; ensino-aprendizagem; língua segunda; inclusão.

ABSTRACT

Final master's project delivered by the student Brunna Lopes (51026), under the guidance of Professor Ana Maria Martinho. The following work addresses common classroom themes, teaching difficulties, the European immigration framework and some thoughts from educators such as Paulo Freire, Fernando Savater. We will consider the topic of classroom literature and how it can be a good support in language teaching. We will briefly study works from world literature such as *The Little Prince*, *Wimpy Kid* and works by William Shakespeare, in order to show how literature can play a transformative role in teaching.

KEYWORDS: education; literature; teaching; second language; inclusion.

*A educação é a arma mais poderosa que
você usa para mudar o mundo.*

Nelson Mandela

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: EDUCAÇÃO E SUAS VERTENTES	9
1.1 PARA COMEÇAR É PRECISO ENTENDER O ENSINO EM GERAL	9
1.2 PAULO FREIRE E SEU PLANO DE ALFABETIZAÇÃO	12
1.2.1 Sobre o autor	12
1.2.2 A obra: A pedagogia do Oprimido	13
1.3 MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE	16
1.3.1 Na prática	17
1.4 A EDUCAÇÃO CIDADÃ, SEGUNDO FERNANDO SAVATER	18
1.4.1 Sobre o autor	18
1.4.2 Qualidade da educação, por Fernando Savater	19
1.4.3 Na prática	21
CAPÍTULO 2: DESAFIOS SOFRIDOS PELA COMUNIDADE IMIGRANTE	23
2.1 REALIZAÇÃO ACADÊMICA	23
2.2 DOMÍNIO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA	23
2.3 EMOÇÕES NEGATIVAS	24
2.4 ABANDONO Cedo da Escola	24
CAPÍTULO 3: QUANTO À LÍNGUA PORTUGUESA	26
3.1 PORTUGUÊS DE PORTUGAL VS. PORTUGUÊS DO BRASIL	27
3.1.1 Na prática	27
3.1.2 Na gramática	28
3.2 RELAÇÕES LUSÓFONAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	30
3.3 PORTUGUÊS BRASILEIRO X PORTUGUÊS EUROPEU	31
CAPÍTULO 4: ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA CRIANÇAS	35
CAPÍTULO 5: QUANTO À LITERATURA	38
5.1 LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR	40
5.2 COMO SALVAR O ENSINO ATRAVÉS DA LITERATURA	42
CAPÍTULO 6: PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS	45
6.1 ANÁLISE	45
6.2 DESENVOLVIMENTO	45
6.3 IMPLEMENTAÇÃO	47
6.4 AVALIAÇÃO	47
CAPÍTULO 7: ATIVIDADES	49

7.1 O USO DA LITERATURA NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA SEGUNDA E ESTRANGEIRA	49
7.2 LIVRO 1: O DIÁRIO DE UM BANANA, JEFF KINNEY	51
7.2.1 Atividades com o livro	52
7.3 LIVRO 2: O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY	56
7.3.1 Tempos verbais	57
7.3.2 Atividades com o livro	61
7.4 LIVRO 3: ROMÉU E JULIETA, DE WILLIAM SHAKESPEARE	66
7.4.1 Gêneros textuais	67
7.4.2 Atividades com o livro	69
7.5 LIVRO 4: GABRIELA CRAVO E CANELA, JORGE AMADO	70
7.5.1 Atividades sobre o livro	72
7.6 LIVRO 5: OS MAIAS, EÇA DE QUEIROZ	74
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

INTRODUÇÃO

Devido ao novo quadro populacional da União Europeia (EU), faz-se necessário um novo modelo educacional e uma peculiar intenção de educar sujeitos de maneira igualitária e com as mesmas oportunidades. Existem, hoje, muitos modelos de trabalhos ou leis que visam à integração do sujeito imigrante ao seu meio de convívio, mas, por outro lado, observamos o quanto na prática isso não acontece.

Sem professores formados, escolas preparadas e colegas dispostos a integrar os novos alunos, vive-se uma batalha de – alguns – professores em busca de transformar o sujeito em um ser pensante e atualmente ativo sem deixá-lo marginalizando e aquém da sociedade.

A literatura é universal e tem o poder de unir muitos povos através de suas obras. Existem obras literárias mundialmente conhecidas e que continuam vivas mesmo após o desgaste do tempo, atingem novos públicos sem deixar de continuar tocando os corações dos antigos, são obras que eternizaram as ideias e falas de seus autores, mesmo após sua morte.

Além satisfazer o fascínio que (particularmente) tenho pela literatura, este trabalho tem o objetivo de desvendar, de maneira prática, o alcance atemporal da Literatura e estudar um pouquinho de sua história, assim como os autores de língua portuguesa mais conhecidos e suas obras. O projeto aqui apresentado faz uma pesquisa sobre as formas de ensino do português com o uso dessa grande ferramenta que é a literatura.

Além de tratar das literaturas de língua portuguesa, abordarei algumas obras que não foram originalmente escritas em português, mas foram traduzidas e tiveram um alcance mundial, podendo ser um ponto de ligação entre o ensino de português e a possível língua nativa de nossos estudantes.

Aprender uma nova língua tem suas dificuldades e facilidades, mas o principal objetivo é descobrir uma forma de trazeremos nossos alunos à realidade linguística da população falante de tal língua. Por meio dos livros conseguimos ter acesso a diálogos, formas de escrita e, muitas vezes, vícios de linguagem e gírias locais. A literatura tem o poder de inclusão e leva-nos a imaginar a história contada, a forma de vida daquele povo e a riqueza de variados personagens; é uma forma de dar sentido à língua estudada e captar o interesse dos alunos, uma vez que mostra, na prática, o uso de palavras aprendidas em construções de frases maiores.

Obras literárias de alcance mundial podem ser um ponto de ligação entre a língua materna e a língua estudada, uma vez que o aluno não trabalharia apenas com uma tradução palavra por palavra e sim poderia ter acesso à obra em português e em sua língua nativa. Quando buscamos a tradução simples de uma frase qualquer, muitas vezes os tradutores automáticos mudam o sentido ou não capturam a ideia da frase. Em um livro, quando conseguimos ler do início ao fim, fazemos ligação com o mesmo livro que outrora lemos em nossa língua mãe.

Nesse projeto estudarei o alcance de obras mundiais como *Le Petit Prince*, de Antoine de Saint-Exupéry; *Os Maias*, de Eça de Queiroz; *Os Lusíadas*, de Luiz de Camões; *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas; *Mensagem*, de Fernando Pessoa; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll; *Cem anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO E SUAS VERTENTES

1.1 PARA COMEÇAR É PRECISO ENTENDER O ENSINO EM GERAL

Como professores, sabemos que políticas, leis e projetos nem sempre são colocados em prática em razão dos percalços do dia a dia e faz-se necessário a adaptação de sistemas de ensino para cada situação, tendo como o foco o aluno, seus conhecimentos prévios e sua forma de aprender.

Se cada estudante – mesmo que de uma mesma cultura – chega a nós com seus conhecimentos adquiridos e manias fortemente implícitas, com alunos imigrantes torna-se ainda mais notório a diferença de aprendizagem pela língua, cultura, formas e maneiras. Como professores, não devemos apenas nos preocupar em transpassar conhecimentos e sim ensinar a pensar e ajudar os alunos a reconhecer-se nessa outra cultura e língua. Além disso – de acordo com os quatro pilares da educação para o século XXI –, se devemos ensinar o aluno a aprender a conhecer, ser, fazer e conviver, podemos mensurar um pouco o desafio que tem sido ser professor e saber que cabe a nós levarmos nossos alunos, alvo de nossos trabalhos, a desenvolver um pensamento crítico e a encontrar-se como sujeito inserido no novo universo que é a cultura em que ele está a adentrar.

Percalços para uma educação de qualidade e efetiva são encontrados dia a dia. De acordo com o Ministério da Educação (EURYDICE, 2009) e suas pesquisas acerca de integração escolar de crianças imigrantes na Europa em 2009, uma das dificuldades é a comunicação com a família que, por sua vez, quase nunca é letrada, não acompanha o desenvolvimento escolar do aluno e continua a falar em casa e em seus grupos de convívio em sua língua materna. Temos, também, como dilema a solidão de professores atuando frente a esses alunos, sem instituições regulamentadas e estruturadas, o que deixa o professor à deriva de sua própria sorte. Sem auxílio algum, alguns professores padecem de desmotivação, outros trabalham somente por salários. Mas também existem aqueles que nos devolvem a esperança, pois trabalham com tudo o que tem de melhor em busca de uma vida digna para aqueles que de tão longe vieram contemplar-lhes com seus ouvidos atentos e dispostos a aprender.

Professores são agentes sociais e humanizadores e em sua forma moral encontram alunos que necessitam ser humanizados, disse Fernando Savater, em sua obra *O Valor de Educar*. Savater relata que todos nascemos humanos, mas isso não basta até chegarmos a ser. O que dá a ideia da construção do sujeito até em sua humanidade não como espécie, mas que aprendemos com a espécie humana sentimentos que nenhuma outra espécie viva possui. Aprendemos, como seres humanos, a ter a capacidade de ser solidários, de ter compaixão e benevolência. Sem contar a capacidade de transformação ao longo dos anos, o que diferencia o sujeito humano de qualquer outro sujeito.

É possível ensinar apenas o que outrora aprendemos, mas, por sua vez, necessitamos estar preparados e ter habilidades para compartilhar, a fim de poder desenvolver a capacidade do outro ser humano. Compartilhar, pois, o processo de ensino-aprendizagem não é (apenas) uma atividade em que o professor comunica e passa os conteúdos programados, mas também um desenvolvimento diário que acontece nas pequenas coisas e sofre alterações dia a dia. O processo educativo dá-se de maneira formal, informal ou não formal, por isso faz-se necessário que o percurso escolar esteja vinculado ao modo de aprendizagem de casa, uma vez que todos estamos sujeitos a novos aprendizados aonde quer que estejamos.

Os termos formal, informal e não formal são de origem anglo-saxônica e surgiram em meados dos anos 1960, em meio a crises educacionais mundiais causadas pela Segunda Guerra Mundial. As heranças da Segunda Guerra Mundial deixaram uma educação devastada, resultando em sistemas educacionais regulares que não conseguiam atender à demanda populacional pós-guerra. Os sistemas sociais não conseguiam cumprir os papéis sociais de integração. Manifestou-se então a necessidade de formação de recursos humanos para as novas demandas de tarefas que surgiram com a transformação industrial, assim como a urgência de um novo planejamento educacional e a valorização de atividades e experiências extraescolares (tanto ligadas à formação cultural em geral como à formação profissional). Houve, assim, uma necessidade de reavaliação da educação em vários âmbitos, separando-a em formal, informal e não formal.

Geralmente, a diferença entre os três tipos de educação é estabelecida pelo espaço escolar, sendo que ações ocorridas no meio escolar são consideradas formais e as que acontecem fora seriam de característica não formal ou informal. O termo não formal quase caiu em extinção em países falantes da língua inglesa (que consideram apenas a educação formal e informal), enquanto nos países lusófonos e latinos os termos não formal e informal são ainda aplicados e facilmente encontrados no que se refere à

educação, sendo associados a instituições, museus, organizações não governamentais (ONGs) e usados nos *media*.

Segundo Gohn (2006, p.28), quando falamos em educação não formal é quase impossível não compará-la à educação formal. Segundo a autora:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem como processo de socialização – na família, no clube, com amigos etc., é carregada de valores e culturas próprias, de percimentos e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende no ‘mundo da vida’, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (GOHN, 2008, p.6).

Ou seja, a educação formal tem um espaço próprio destinado para ocorrer, é institucionalizada e prevê conteúdos. É intencional, isto é, tem a intenção de formação e conta com métodos de avaliação. Já a informal pode ocorrer em vários espaços, e envolve culturas e valores oriundos de cada lugar; enquanto a educação não formal ocorre a partir da troca de experiências entre indivíduos e é promovida em espaços coletivos.

No que diz respeito aos objetivos de cada modalidade, Gohn destaca que a educação formal está vinculada ao ensino e à aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, que formam e preparam o indivíduo para atuar como profissional e cidadão ativo na sociedade. A educação informal teria como objetivo socializar os indivíduos, desenvolver hábitos e suas atitudes. Já com relação à educação não formal, a intenção seria proporcionar conhecimento sobre o que envolve o ser humano no mundo e suas relações interacionais. A educação formal é organizada metodicamente, segue um *Curriculum*, é dividida por disciplinas, séries, segue leis e é classificada através de idade e ‘conhecimentos’. Diferente dela, a educação informal é um processo permanente e não organizado; e, por fim, a educação não formal trabalha com a subjetividade de um grupo e contribui para a sua construção identitária.

Mas por que deveríamos ter de entender os três tipos de educação se, por fim, teríamos a intenção de ensinar *Português como Língua Segunda e Estrangeira*? Pois, por mais diferente que os três tipos de educação (que são mundialmente conhecidos e reconhecidos) sejam, eles acabam, por fim, por se complementarem. O processo educativo é o processo de ajudar o sujeito a construir sua personalidade, em paralelo a todo conhecimento que tem recebido de seu meio de convívio, casa ou educação e já aprendido. Antes de ser educado, o sujeito possui apenas suas características biológicas

e é através da educação que o sujeito é forjado, assim, Savater (2005) comenta que quem se dispõe a educar converte-se (de certo modo) em responsável pelo mundo.

Como responsáveis pelo mundo, frente ao atual quadro de imigração (e a necessidade de ensinar o português para os estrangeiros) ou mesmo a curiosidade e interesse de alguns alunos a aprenderem o português como língua segunda e a especial peculiaridade que é ensinarmos estrangeiros, há a necessidade de uma reforma educacional. O compromisso com a educação para transformação é o que nos tirará de detetores do saber para nos elevar a uma verdadeira sociedade no quesito humanidade.

1.2 PAULO FREIRE E SEU PLANO DE ALFABETIZAÇÃO

1.2.1 Sobre o autor

Paulo Reglus Neves Freire foi um educador, filósofo e pedagogo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis da história da pedagogia mundial, com influência no movimento denominado pedagogia crítica. Foi o brasileiro mais homenageado da história: acumulando 29 títulos de doutor *Honoris Causa* na Europa e América. Recebeu prêmio da UNESCO de Educação para a Paz (1986) e foi um dos primeiros educadores brasileiros a empenhar-se no ensino dos mais pobres e adultos.

Responsável pela criação do Plano Nacional de Alfabetização brasileira, ensinou 300 adultos a ler e escrever em 45 dias (1963), com um método próprio de alfabetização. Sua metodologia de alfabetização foi utilizada em todo o Brasil em campanhas de alfabetização e, por isso, foi acusado de subverter a ordem instituída, sendo preso após o golpe militar de 1964. Foi convidado a deixar o país e encontrou no Chile um país de clima social e político favorável à implementação de suas teses. Desenvolveu, durante cinco anos, seus projetos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA), quando escreveu sua principal obra: *A Pedagogia do Oprimido*.

Foi convidado a lecionar na Universidade de Harvard. Estudou em Cambridge e mudou-se para Genebra, na Suíça, em 1975, para trabalhar como consultor educacional do Conselho Mundial de Igrejas, quando atuou como consultor na reforma educacional das colônias portuguesas na África, em especial Moçambique e Guiné-Bissau.

Voltou ao Brasil em 1980 e foi fundador do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, quando nomeado secretário de Educação da cidade de São Paulo. Seu método foi ampliado e atingiu todas as cidades brasileiras. O livro *Pedagogia do*

Oprimido foi seu livro mais famoso, lançado no ano de 1968, e traduzido para o espanhol, inglês e hebraico.

Em 1989, tornou-se secretário da Educação da maior cidade do Brasil, a cidade de São Paulo, aonde não mediu esforços para implementar movimentos de alfabetização, de revisão curricular e empenhou-se na causa dos professores, buscando sua reparação salarial.

Escreveu várias obras memoráveis, tais como: *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Cartas à Guiné-Bissau* (1975), *Pedagogia da esperança* (1992) e *À sombra desta mangueira* (1995). Lançou seu último livro em 10 de abril de 1997, intitulado *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Falecendo dia 2 de maio de 1997, em São Paulo, vítima de um infarto agudo no miocárdio.

Paulo Freire nasceu em Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921. Considerada uma das regiões mais pobres do Brasil, Paulo Freire pode experimentar logo cedo as dificuldades sofridas pelas classes mais populares.

1.2.2 A obra: A pedagogia do Oprimido

A Pedagogia do Oprimido é o 99º livro mais citado (academicamente) no mundo, fazendo do brasileiro o segundo melhor colocado no ramo da educação, perdendo apenas para *Teaching for Quality Learning in University: What the Student Does*, de John Biggs.

Terceiro livro mais citado mundialmente (de acordo com pesquisa feita pela London School of Economics) na área de Ciências Sociais, o livro propõe uma pedagogia com uma nova forma de relacionamento entre professores, alunos e sociedade, contando com uma detalhada análise das classes marxistas em sua exploração, o que ele chama de “colonizador” e “colonizado”.

O livro é dividido em quatro capítulos, antecedidos por uma apresentação de Ernâni Maria Fiori e uma introdução chamada “primeiras palavras”:

1. Justificativa da Pedagogia do Oprimido;
2. A concepção ‘bancária’ de educação como instrumento da opressão;
3. A dialogicidade – essência da educação como prática de liberdade;
4. Teoria da ação antidialógica.

No primeiro capítulo encontramos uma análise opressor-oprimido, examinando situações concretas de opressão sob perspectiva dos oprimidos e opressores e conclui afirmando que “ninguém libera ninguém” e “ninguém se libera sozinho”, mas que as pessoas, por fim, libertam-se em comunhão.

O segundo capítulo conta com uma das mais famosas falas de Paulo Freire, quando ele fala sobre a educação bancária e problematizadora da educação e, por sua vez, conclui que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho e todas as pessoas se educam com a intervenção do mundo”. É o capítulo que começa a falar sobre o erro de educadores em pensarem que seus aprendentes são folhas em branco, sem conhecimento prévio, como um banco aonde o professor só deposita e o aluno reconhece os valores (no sentido do dinheiro) e não pensa acerca do assunto. Diz que o ser humano é um ser incluso, consciente de sua inclusão e em permanente movimento, em busca do ser mais.

O terceiro capítulo fala sobre a dialogicidade e o diálogo, tratando da essência da educação para a prática da liberdade. Aborda o tema a fim de examinar os conteúdos programáticos e os temas geradores da educação, tal qual sua possibilidade conscientizadora.

Por fim, o quarto capítulo é dedicado ao estudo da antidialogicidade e da dialogicidade como matriz de teorias antagônicas da ação cultural: a primeira serve à opressão e a segunda compromete-se com a libertação.

O livro *Pedagogia do Oprimido* traz à tona questões dialéticas contraditórias entre a relação do opressor *versus* oprimido e retrata ser necessária a criação de uma práxis que vise à orientação de uma ação para a superação de tais contradições. Paulo Freire, em seu primeiro capítulo, intitulado Justificativa da Pedagogia do Oprimido, retrata os processos de desumanização causados nos oprimidos pelos opressores, mesmo sendo uma ação não intencional.

[...] desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. (Freire, ANO, p. 6)

Neste capítulo, Freire trata das interações entre opressor e oprimido e define o oprimido como um sujeito que, ao longo de sua vida, sempre terá um usurpador a fim de ditar as regras que ele deva seguir; ele também trata de uma humanização e desumanização e diz que é importante voltarmos à essência do ser humano e humanizar todas as pessoas como sujeitos de direitos, vontades e aprendizagem. Paulo Freire constrói sua teoria acerca da humanização do ser humano em paralelo com a construção

do ser, diz que todos os seres humanos são seres inacabados e em processo constante de humanização, em busca do ser. Paulo Freire sofreu influência de três vertentes do humanismo: o humanismo marxista, o humanismo cristão e o humanismo existencialista. Ressalta o sujeito como o ser da sua própria história, uma história que não se constrói no vazio, mas no social, no envolvimento com o mundo, nas novas ideias e nos novos seres.

Relata, por fim, que a liberação do estado de opressão não se dá de maneira isolada, mas de forma social, sendo o homem um sujeito social, conclui que a consciência e a modificação devem acontecer em meio social. No decorrer do livro, Paulo Freire tenta conscientizar o educador que se faz quase impossível humanizar e o sujeito oprimido por seus próprios ensinamentos para que saia da opressão, fazendo-se necessário a consciência dos educadores para mediar as aprendizagens dos estudantes, reconhecendo que são sujeitos de direitos e com conhecimentos prévios e que, como relatado em seu livro *Educação como Prática da Liberdade* (1987), a educação tem forte influência na libertação de todos os sujeitos: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (p. 29).

Paulo Freire, ao longo de seu livro, fala acerca de uma necessidade de intercâmbio de conhecimentos entre educandos e educadores, o que permite uma relação mais igualitária e que valoriza o sujeito em sua totalidade e não que os educandos apenas reproduzam mecanicamente os conhecimentos passados pelos educadores. O autor aumenta o diálogo de amor e aborda as práxis, como dimensões: ação, reflexão e ação transformadora; conclui que a palavra tem um valor de transformação: transformar o mundo e os homens, utilizando o diálogo para libertação de oprimidos de suas opressões. Sendo a palavra um direito de todos, é uma ação amorosa, não um privilégio, como muitos gostariam que fosse.

Ainda acerca da comunicação, Paulo Freire relata no livro a importância da utilização de temas geradores para fomentar diálogos, sendo que investigar os temas geradores é investigar o pensar dos homens referente à realidade, seu atuar sob a sua realidade atual, o que é a sua práxis. Diz que os temas geradores são importantes e devem partir sempre da realidade e não de conteúdos predefinidos, como acontece com a educação tradicional, que deve ser feita uma investigação anterior e uma coleta de temas que fazem parte do convívio social do povo que se quer ensinar. Os temas geradores são propulsores de novos diálogos.

O diálogo não anula o eu, mas traz uma nova troca de experiências. Quando dialogamos com outro sujeito que está repleto de conhecimentos prévios e experiências,

contribuímos com aquilo que adquirimos e recebemos aquilo que o outro aprendeu com aquilo que recebeu na vida, construindo uma nova visão é uma troca de saberes. A liberdade é alcançada através de uma consciência crítica, na qual o *eu* e o *outro* estarão em constante diálogo na construção e transformação da realidade.

A Pedagogia do Oprimido, como pedagogia libertadora e humanista, tem momentos distintos: o primeiro, quando o opressor analisa e reconhece suas ações de opressão, comprometendo-se com a sua transformação; e o segundo, modificada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser a pedagogia do oprimido e passa a ser a pedagogia da libertação, por meio da educação. Torna-se um movimento de liberdade a partir dos oprimidos, sendo uma pedagogia que acontecerá com o povo que luta pela sua humanidade, uma pedagogia de pessoas que lutam constantemente pelo processo de libertação, o que ocorre através do pensamento e conscientização da opressão e suas causas e tem uma ação transformadora, denominada práxis libertadora.

1.3 MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE

Aplicado desde 1963, o método Paulo Freire foi testado pela primeira vez no Rio Grande do Sul, mais precisamente na cidade de Angicos. Tratava-se de uma proposta inovadora que tinha a meta ousada de alfabetizar e despertar o ser político (que é de direito do ser humano) em um determinado grupo de alunos, durante 40 dias.

Paulo Freire (que, anos depois, foi considerado o patrono da educação brasileira) desenvolveu, nessa época, um método de alfabetização baseado nas vivências das pessoas, ao invés de buscar o ensino em cartilhas e apostilas de ensino. Ele trabalhou com o que chamou de '*palavras geradoras*', palavras essas que eram encontradas na realidade de qualquer cidadão. Uma costureira, por exemplo, poderia aprender com termos referentes ao seu trabalho (linha, agulha, tecido); um padeiro, com palavras por ele já conhecidas (como pão, farinha, forno) e era, a partir da decodificação dessas palavras, que ele começava a trabalhar com outras palavras e ampliar o repertório em sala de aula.

O método Paulo Freire estimulava a educação de todos os sujeitos de forma igualitária e foi ele que lutou pelo ensino de jovens e adultos em solos brasileiros. A concepção freiriana procura explicar que não há conhecimento acabado, mas que o conhecimento estará sempre em construção. O método Paulo Freire é dividido em três etapas: na primeira, é feita uma investigação em que o aluno e o professor buscam palavras do universo vocabular do aluno e da sociedade na qual ele está inserido; a

segunda etapa trata da tematização, em que eles codificam e decodificam os temas encontrados em seu significado social, fazendo ligação e tomando consciência do mundo vivido; já a terceira etapa seria a etapa de problematização. Nessa etapa final, aluno e professor buscam superar a visão mágica que, muitas vezes, temos e transcender a uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido.

1.3.1 Na prática

O processo proposto por Paulo Freire inicia-se pelo levantamento das *palavras geradoras* do universo vocabular do aluno. Isso se dará, inicialmente, através de conversas informais e a observação que o educador fará com relação ao vocabulário e as palavras mais usadas pelos alunos em sala de aula, para poder ter uma base de como iniciar uma futura lição. Essas palavras normalmente são selecionadas até obterem, mais ou menos, entre 18 e 23.

Após a separação dessas palavras, é feita uma criação de situações cotidianas e existenciais de tal grupo de estudante, tratando de situações comuns à realidade social local, iniciando uma proposta de perspectivas e análise crítica com relação aos problemas sofridos pela sociedade, sendo regionais ou nacionais. Em seguida, as palavras já categorizadas em nível de dificuldade podem ser apresentadas em cartazes com ilustrações, iniciando uma discussão nos *círculos de cultura*, a fim de problematizar e dar significado às palavras na realidade da turma trabalhada. É feita uma seleção das palavras no quesito dificuldade fonética.

Criação de possíveis roteiros com a indicação de subtemas ligados às palavras separadas e seus significados. Após a identificação das palavras, inicia-se o processo de divisão silábica de cada palavra, com propostas semelhantes à educação tradicional. As sílabas, então, são desdobradas em cada família silábica, fazendo a mudança da vogal, como, por exemplo: DA-DE-DI-DO-DU. O passo que se segue é o de criar novas palavras, utilizando as famílias silábicas agora conhecidas pelos alunos.

O ponto indispensável para esse método é a sempre problematização e abordagem de discussões sobre os mais diversos temas que forem surgindo em sala de aula, a partir das palavras geradoras iniciais que os alunos disponibilizaram. Para Freire, os processos de ensino e aprendizagem não podem se restringir ao ensino de codificação e decodificação e sim promover a conscientização no que diz respeito aos problemas

cotidianos dos sujeitos; tratará de integrar a consciência do mundo ao conhecimento das realidades sociais.

O método Paulo Freire foi implantado em todas as cidades brasileiras, Chile, muitas cidades da América Latina, Portugal e suas colônias Africanas, mas por que teria relevância em um estudo acerca da utilização da literatura no ensino de língua segunda? Pois, por mais antigo e, aparentemente, ultrapassado que seja, o método Paulo Freire está, ainda, muito vivo.

Parece tratar-se de um método simples e que muitas vezes tornou-se comum, uma vez que, em sala de aula, não lembramos nomes de métodos e seus criadores, apenas o executamos. Mas é por se tratar do criador e o primeiro que executou tal método, que se faz necessário falar em Paulo Freire.

O método de Paulo Freire deve ser o início de qualquer trabalho de alfabetização e pode ser aplicado para o ensino de português como língua segunda ou estrangeira. Ao que diz respeito do uso de literatura nas aulas de ensino de português, o método Paulo Freire é uma ótima forma de trabalho com os textos literais.

Além de Paulo Freire e, talvez mais atual do que ele, teremos a seguir algumas ideias do filósofo e professor Fernando Savater, o qual tem contribuído atualmente para uma educação igualitária e totalitária, lutando pelas classes menos afortunadas e visando a uma educação ampla e de qualidade para todo e qualquer sujeito.

1.4 A EDUCAÇÃO CIDADÃ, SEGUNDO FERNANDO SAVATER

1.4.1 Sobre o autor

Fernando Fernández-Savater Martín nasceu em São Sebastião, Espanha, no dia 21 de junho de 1947. É escritor, professor de Filosofia e catedrático de Ética na Universidade do País Basco. Teve alguns de seus livros traduzidos para mais de vinte línguas e, com uma notória narrativa, tem visto sua popularidade crescer não somente na Espanha ou Europa e sim no mundo todo.

Recebeu o Prêmio Francisco Cerecedo da Associação de Jornalistas Europeus e o Prêmio Sakharov de Direitos Humanos. Defende uma educação igualitária e de qualidade, que liberte o sujeito através do saber e não o deixe alienado e condicionado à ideia de uma classe dominante.

1.4.2 Qualidade da educação, por Fernando Savater

Fernando Savater é o mais famoso filósofo espanhol atual, escritor e professor. Diz acreditar que o sistema educacional ocidental está em uma nevrálgica mazela e que não se preocupa em preparar o cidadão para ser cidadão e sim para ser uma peça de uma engrenagem, como outrora disse Charlie Chaplin em *Tempos Modernos* acerca do sistema produtivo, social e econômico.

Savater acredita que a tarefa de educar não se trata, simplesmente, de formar pessoas aptas para o mercado de trabalho e a vida econômica em geral, mas sim tem um projeto mais ambicioso de treinar as habilidades e os processos em geral. A educação quer formar pessoas completas, capazes de utilizar a democracia de uma maneira crítica e positiva. O cidadão democrata não é uma coisa espontânea, algo que nasce com as flores ou animais selvagens. Ele é uma obra de arte social.

A contribuição mais importante da democracia é construir cidadãos democratas desde a Grécia antiga, sujeitos que fossem capazes de mudar a vida da sociedade e viver melhor. Segundo Savater, na conferência *Fronteiras do Pensamento*, a qual foi preletor na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil), os gregos sempre valorizaram a pedagogia e a democracia, ao contrário de seus rivais, os persas, que organizavam sua sociedade sem foco na educação, em níveis fixos e com lugares preestabelecidos de atuação: se um sujeito era filho de guerreiro, guerreiro seria; se fosse filho de ferreiro, ferreiro seria, e assim acontecia em todas as áreas de atuação da civilização persa.

Savater, em sua fala, mostrou-se contra um sistema que não tivesse como foco a educação e que, antes mesmo do sujeito nascer, já determinasse o que ele seria para o resto de sua vida.

Não sabemos qual é o lugar de cada um na democracia. Cada um precisa encontrar o seu lugar, precisa abrir seu próprio caminho e encontrar o lugar adequado às suas próprias habilidades, à sua criatividade ou ao que for. Portanto, na democracia é necessário educar as pessoas de uma maneira aberta. Não se pode educar apenas para a guerra, a agricultura ou o artesanato. As pessoas têm de ser educadas para a vida numa sociedade democrática. E é a partir daí que cada um poderá escolher o seu caminho e a sua possibilidade (Savater, 2005, p. X).

Segundo o filósofo e educador, o ensino e a democracia estão interligados ao destino da educação. Os condicionamentos e as diferenças sociais (entre outros fatores ocorridos na sociedade) permanecerão, mas a verdadeira transformação, aquela que ocorre sem guerras e sangue derramando, passará sempre pela educação.

É o que faz com que o filho do pobre nem sempre tenha de ser pobre. Que o filho do ignorante nem sempre precise ser ignorante. Que os filhos dos excluídos, dos que de alguma maneira não tenham nível social, possam alcançar seu posto, seu lugar social. A educação luta contra essa fatalidade, que faz com que filhos tenham de repetir erros, as deficiências e as carências de seus pais (Savater, 2005, p. X).

Savater comentou que um dos grandes problemas da democracia é a corrupção. A corrupção faz o povo desacreditar no futuro e naqueles os quais eles depositaram sua confiança; um povo que vive à base de um domínio corrupto não consegue ou tem força para fazer muito pela sociedade na qual está inserido, mas é mais uma vez a educação que teria o poder de mudar essa realidade. Para o filósofo, é a população mais desprovida de educação que se rende mais fácil aos dominadores e corruptos, mas a educação é a iluminação da ideia nessas pessoas, o que as fariam lutar pela mudança em sua sociedade e, conseqüentemente, por melhores condições de vida para si e sua família, e não apenas uma subexistência.

A escola deve ajudar a criança a navegar pela informação que ela recebeu de modo avassalador e total. Ela tem de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, o útil do supérfluo, o positivo e socialmente interessante do atroz e criminoso. Hoje a informação é, simplesmente, um mar no qual aprendemos a nadar. Esta é a metáfora habitual da navegação através da internet. Nunca se pode substituir o professor por um instrumento mecânico (Savater, 2005, p. X).

Ao que diz respeito a uma educação de qualidade, Savater diz que toda uma educação boa e de qualidade custa caro, mas custa mais caro ainda uma má educação para todo e qualquer país; que, com essa crise mundial, os países que mais facilmente se reerguerão serão aqueles que investiram em uma educação que visasse à transformação social. Acredita que a educação é um projeto em longo prazo e que, muitas vezes, só é percebido 15 ou às vezes 20 anos depois.

1.4.3 Na prática

Como filósofo, Fernando Savater vai de encontro – e possui mais força para falar sobre isso – às desigualdades sociais e como elas impedem a evolução da humanidade. Na prática, a proposta de Savater é defender a importância e qualidade da educação para todo e qualquer participante da sociedade.

Ele acredita que será apenas através da educação que o sujeito poderá ser transformado e liberado a viver uma vida diferente daquela que a sociedade aonde ele nasceu o impõe. Que a educação tem o poder de iluminar a ideia e transformar o sujeito, primeiramente por dentro, para que depois ele possa modificar o seu meio.

Savater defende a importância dos professores para uma sociedade e como a educação deveria andar em paralelo e trabalhar junto com a sociedade em geral. Que o papel de educar não é apenas da escola, mas que a sociedade em geral precisa engajar-se no que diz respeito à educação.

Trata-se de um pensador mais atual, para quem possa eventualmente pensar que Paulo Freire já ficou ultrapassado. Nenhum desses autores anula o outro, mas se complementam.

Quanto à educação de imigrantes e ensino de língua segunda, uma vez que uma educação alcance o patamar por Savater proposto, faria o papel de integrar esse nosso sujeito à educação regular e à sociedade. Deliberando direitos de voto consciente e a intenção de mudar o mundo.

O mundo tem passado por uma crise geral. Muitos imigrantes fugindo das doenças em África, da guerra em Síria, da pobreza em outros países ou apenas em busca de uma nova oportunidade e mudança de vida em um país que, aparentemente, ele não faria parte. Faz-se necessário, então, o estudo de filósofos e pensadores como Savater para nos fazerem pensar de maneira diferente com relação a esses casos, que, infelizmente, hoje têm se tornado comuns.

O mundo precisa aprender a lidar com as diferenças, receber os refugiados, ajudar o povo, independente de nação, credo, ideologia ou língua, mas assim que esses refugiados chegam, é necessário que a nossa sociedade esteja preparada e engajada para uma integração e não que os novos habitantes tenham de fazer uma adaptação forçada em busca de sua mudança de vida. Com professores e uma educação de qualidade, os imigrantes, refugiados, ou quem quer que escolha viver em algum país que não seja o seu país natal, terá a oportunidade de ter uma vida digna (diferente daquela que o fez sair de seu país natal), conquistar sua independência financeira, aprender a língua e não viver trabalhando em subempregos para sua subexistência.

Uma educação de qualidade mostra à sociedade que todo sujeito é um sujeito de direito, mas, conseqüentemente, de deveres também. Uma educação transformadora começa na mudança de mente dos nativos que, por muitas vezes, aproveitam-se dos imigrantes ou pessoas oriundas de outra nacionalidade por saberem que eles têm uma

necessidade diferente de qualquer outra pessoa nascida em sua cultura. Uma educação de qualidade não limita e não coloca pessoas em patamares diferentes de outras por serem nativos ou imigrantes, negros ou brancos, ricos ou pobres, letrados ou iletrados. Uma educação de qualidade reconhece a necessidade que a sociedade tem de que todos os serviços estejam trabalhando corretamente, sabe que se o lixo não passar, a vida social com o cheiro do chorume não seria possível de argumentar; se a empregada doméstica faltar, a casa ficará suja; se o estafeta não entregar a pizza, sua família passará fome (entre outros). Uma educação de qualidade (ou uma sociedade educada) não considera alguns empregos como subempregos e não consideram os empregados desses empregos como inferiores a nenhuma outra pessoa da sociedade.

Por fim, e no que nos diz respeito, uma educação de qualidade torna possível que todo imigrante tenha acesso a uma educação de qualidade e à aprendizagem da língua nativa como qualquer outra pessoa. Possibilitando que o imigrante seja um agente transformador e consiga potencializar seus dons e talentos para trabalhar e servir à sociedade em geral. Acreditando que, através de uma educação de qualidade, a começar pelo ensino da língua local do novo país no qual o imigrante está inserido, ele poderá encontrar o que o fez imigrar: uma vida melhor e digna para ser vivida.

CAPÍTULO 2

DESAFIOS SOFRIDOS PELA COMUNIDADE IMIGRANTE

2.1 REALIZAÇÃO ACADÊMICA

Em todos os países europeus, as estatísticas mostram que, em média, as crianças imigrantes têm um nível académico significativamente mais baixo do que as crianças com pais nativos, tomando esses resultados como as características dos grupos imigrantes.

Por sua vez, a análise da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) mostra que o estado imigrante não tem forte associação com o desempenho dos alunos e que é mais provável que a realização académica da criança tenha mais a ver com o nível de escolaridade dos seus pais, pois eles exercem influência. A falta de escolarização dos pais influencia negativamente as crianças, especialmente as crianças imigrantes. Em geral, os pais são indiferentes à aprendizagem de seus filhos por causa das expectativas baixas, mas, mesmo que eles se preocupem com a educação, os baixos níveis de escolarização limita-os para apoiar os seus filhos em sua aprendizagem.

É verdade também que no mundo inteiro encontramos histórias de pessoas que superaram a sua ‘condição familiar e financeira’ e fizeram graduações, ganharam bolsas de estudos e se esforçaram para vencer mesmo vindo de família humilde. É certo que muitos pais também incentivaram e tentaram ajudar seus filhos a continuarem estudando, mesmo que eles mesmos não tivessem tido a mesma oportunidade e não pudessem ajudar. Todos os fatos são relativos, mas o que é importante abordarmos é que há uma grande importância em haver um trabalho em conjunto escola/família.

2.2 DOMÍNIO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Não dominar a língua da sociedade é o obstáculo maior para as imigrantes na integração da sociedade e no sucesso educacional. As crianças imigrantes que iniciam a escola sem o conhecimento da língua do país estão sempre em desvantagem e sua aprendizagem é impedida até que eles superem o obstáculo linguístico.

Uma vez que o nativo é inserido na língua estudada desde seus primeiros minutos de vida, ele aprendeu por observação, com seu meio de convívio, e mantém contacto com a língua diariamente e, possivelmente, tem seus erros corrigidos por seus pais e

familiares. Já no que diz respeito ao imigrante, muitas vezes, os pais também estão no processo de aprendizagem e não podem ajudar muito; continuam falando seu idioma nativo em casa e precisam aprender, do início, a nova língua, para tentar se aprofundar nas demais matérias.

Dados indicam que as crianças imigrantes que falam a língua da instrução de ensino em casa têm melhores resultados na leitura e matemática. Apesar de um desempenho inferior no período inicial, algumas crianças imigrantes alcançam os estudantes nativos durante a aprendizagem, principalmente com o resultado da aquisição de linguagem.

2.3 EMOÇÕES NEGATIVAS

Sentimento de isolamento, exclusão ou preconceito são os sentimentos negativos mais comuns ao grupo imigrante, o que, por sua vez, pode reforçar os sentimentos de inutilidade e desesperança pelo futuro. Sem o aconselhamento e acolhimento adequado dos pais ou escola, as crianças imigrantes têm maior possibilidade de serem excluídas e marginalizadas, o que resultaria na fácil perda do interesse na aprendizagem e motivação para esforçar-se a mudar suas vidas e adentrar no novo meio em que foram incluídos.

2.4 ABANDONO CEDO DA ESCOLA

Os resultados de estudos comparativos mostram que em países com uma longa história de imigração não são encontradas diferenças significativas entre imigrantes e alunos nativos, o que significa que com os sistemas e as políticas adequadas os alunos imigrantes podem melhorar seus resultados e aprender como as crianças nativas. Contudo, as diferenças foram significativas nos países da Europa Continental. Falta de recursos educacionais adequados e crianças com antecedentes imigrantes apresentam menor desempenho acadêmico e a tendência de deixar a escola precocemente.

Os desafios de ensino enfrentados pelas crianças imigrantes resultam principalmente de três partes: os pais imigrantes, a autoridade e as próprias crianças. Pais que mostram uma falta de envolvimento com a educação de suas crianças ao nível de língua e da comunicação com a escola; políticas educativas estabelecidas que não funcionam efetivamente na inclusão das crianças imigrantes a seus novos países; e, por fim, a falta de interesse da criança (mesmo que motivado por fatores externos) que, apesar

de 'pequenos', devem ajustar a sua atitude para enfrentar melhor o novo ambiente e ajudar a trabalhar para modificá-lo.

CAPÍTULO 3

QUANTO À LÍNGUA PORTUGUESA

O preço a ser pago, muitas vezes, por viver fora de seu país é o do não reconhecimento social, de desvalorização de seu país de origem, do seu trabalho e de sua língua materna. Vivendo esse tempo em Portugal e acostumando-me a ouvir que “português é o português de Portugal” e que “no Brasil se fala brasileiro”, despertou-me a curiosidade de saber se, afinal, existe um português que seja mais português do que o outro, quando começou a diferença entre ambos e qual português, efetivamente, eu deveria ensinar.

O português de Portugal, africano ou português europeu é a variedade linguística da língua portuguesa falada em Portugal, suas regiões autónomas como Madeira e Açores e pelos portugueses espalhados pelo mundo. O português europeu é considerado a língua principal em oito países: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Portugal e Timor Leste, que reúnem 65 milhões de falantes. É ensinado na Espanha e em algumas regiões do mundo através do Instituto Camões e é uma das línguas oficiais da união europeia, sendo língua oficial do parlamento, mas não da comissão europeia.

Quanto ao português do Brasil (ou brasileiro, como gostam de falar), é a denominação dada à variedade linguística do português falada por brasileiros em toda sua extensão territorial, brasileiros fora do Brasil e nas regiões fronteiriças com o Paraguai, Argentina e Uruguai. Comparado aos demais países lusófonos, é a variedade linguística do português mais falada, lida e escrita no mundo, com um total de falantes de 205 milhões. É ensinada na América Latina, no Japão e nos Estados Unidos.

Considerada uma língua de negócios e de variante em expansão, o português é uma língua que unificou países e possibilita uma conexão para um alcance mundial mais relevante. Mesmo com tanta diversidade de dialetos e locais, o português tem mais para aproximar do que segregar, então por que ainda nos deparamos com preconceitos linguísticos que são única e simplesmente derivados de uma ignorância por achar que um sempre é melhor do que o outro?

Esta unidade será dedicada às diferenças entre essas duas vertentes do português, não como uma maneira de segregar, mas para descobrir a história e as fascinantes

mudanças sofridas ao longo dos anos. Trata-se de um estudo do livro de Marcos Bagno sobre o assunto: *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa* (2001).

3.1 PORTUGUÊS DE PORTUGAL VS. PORTUGUÊS DO BRASIL

A língua portuguesa provém do latim introduzido na Lusitânia por parte dos romanos e teve seu desenvolvimento intimamente relacionado aos factos históricos ocorridos na península, que outrora tinha como língua o galeziano (ou o galaico-português) e, após a independência de Portugal, passou a distanciar português do galego (Coutinho, 1976).

Somente em meados do século XII é que temos registros do aparecimento de textos redigidos em português, tendo a poesia como primeira forma literária encontrada. Já no século XVI, surgiram os maiores escritores de língua portuguesa e seus vários géneros literários, tornando esse o século de ouro da língua portuguesa, também com um importante estudo sobre a língua e sua primeira forma gramatical (Coutinho, 1976).

Levado a culturas diferentes, topografias, costumes, crenças e terras distantes, era de se esperar que o português não fosse uma língua uniforme e que contasse com muitas variantes ao longo de seus anos de existência e, já no século XVII, era tratada como uma língua engraçada de se falar, de fácil pronúncia e suave para cantar:

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronúncia da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana. Tem mais adágios e sentenças que todas as vulgares, em fé de sua antiguidade (...). E para que diga tudo, só um mal tem, e é que, pelo pouco que lhe querem, seus naturais a trazem mais remendada que a capa de pedinte. (Lobo, 1619, apud SILVA, [Séc.XXI]: 19-20).

3.1.2 Na prática

Certo dia deparei-me com os comentários de uma portuguesa a questionar um *site* norte-americano por ela visitado. O que a incomodou foi o facto de que quando seleccionada a versão em português o *site* automaticamente passava à tradução para o português do Brasil (e esse caso não é a exceção). Encontramos, por onde andamos, muitos portugueses que ainda se chateiam com a utilização do português do Brasil e que, muitas vezes, dizem que o português levado em consideração deveria ser o português de Portugal, uma vez que é nele que se encontram as raízes da língua portuguesa, ressaltando

acreditar que os brasileiros não falam português e sim um brasileiro ou um português mal falado.

Mas, afinal, de onde vem tamanho orgulho por achar que um é melhor do que o outro? Talvez sejam alguns pensamentos ainda oriundos de Pedro Álvares Cabral e seus descobrimentos, que geraram uma visão de separação entre colônia e colonizador. A verdade é que muitos fatores influenciaram essa busca de um reconhecimento e devemos admitir que o Brasil deve, sim, ser grato à Portugal e ser feliz por ter sido, outrora, sua colônia, mas é verdade também que Portugal deveria alegrar-se com o Brasil pois, linguisticamente falando, se não fossem os mais de 200 milhões de falantes brasileiros o português talvez fosse uma língua remota e inexpressiva, como um finlandês, escocês ou línguas do tipo.

Trata-se, então, de uma mesma língua com duas variantes lexicais. Tal qual o inglês britânico e o inglês americano, são lados de uma mesma moeda e não moedas distintas, em que é possível encontrarmos muitas semelhanças, mesmo em meio às diferenças. As diferenças mais encontradas estão ligadas a algumas palavras em específico, uso do gerúndio por parte do português do Brasil (e o desuso no português de Portugal), mas, principalmente, no sotaque.

Muitos consideram o português brasileiro mais agradável, devido ao uso de muitas vogais em sua pronúncia, e acabam por considerar que o português europeu soa como uma língua eslava devido ao fato de ignorarem algumas vogais. O sotaque brasileiro é considerado como um sotaque com ritmo mais cantado e mesmo tratando-se de uma mesma língua, é necessário tempo para acostumar-se um com o sotaque do outro.

3.1.3 Na gramática

No que se trata da gramática e da ortografia dos dois segmentos da língua portuguesa, encontramos muitas palavras diferentes, palavras iguais que diferem em seu significado ou com significado em comum mas com escrita diferente – podendo ser citado, como exemplo, o facto de o português de Portugal utilizar letras como *c* e *p* em algumas palavras que no português do Brasil não utiliza, tais quais as palavras *facto* (*fato*), *acto* (*ato*), *óptimo* (*ótimo*); ou a utilização da letra *r* em algumas palavras no português do Brasil que não são utilizadas no português de Portugal, tais quais a palavra *registro* (*registo*). Quanto às palavras diferentes podemos citar brevemente o autocarro dos

portugueses, que para os brasileiros é ônibus; rebuçados, que para os brasileiros é bala, ou a loiça lavada em Portugal, que no Brasil é chamada de louça.

O português do Brasil transforma alguns substantivos em verbos, criando palavras que os portugueses não utilizam. Exemplo: dar os parabéns, falado em português de Portugal e do Brasil, pode tornar-se parabenizar em português do Brasil, coisa que no português de Portugal não acontece. O português do Brasil também tem uma facilidade de assimilar palavras estrangeiras à sua própria língua, como, por exemplo, a palavra *media* (derivada do inglês), que em português do Brasil vira *mídia* e em português de Portugal continua a ser *media*, o que faz com o que o português de Portugal, de forma geral, seja mais resistente às mudanças do que o português do Brasil e é mais receoso em assimilar palavras estrangeiras.

Com relação a pronomes de tratamento, brasileiros erram feio para os portugueses quando tentam falar de maneira cordial e informal utilizando o pronome *você*, podendo ser considerado rude e mal educado da parte de quem fala, uma vez que no português de Portugal eles retiram o pronome e conjugam o verbo na terceira pessoa do singular. Para os brasileiros, por sua vez, *você* é uma maneira informal de tratar amigos, parentes e pessoas próximas, enquanto os portugueses utilizam o pronome *tu*.

Além de todas as diferenças já citadas, uma das coisas que causa maior confusão entre ambos os falantes são os sotaques falados em determinadas regiões. Muito mais fácil seria se todo brasileiro falasse igual e todo português tivesse o mesmo sotaque, mas a verdade é que encontramos uma tamanha diversidade cultural, social e, por consequência, linguística que, muitas vezes, os próprios portugueses não se entendem, tal qual os brasileiros quando falam com pessoas oriundas de uma outra região do seu país.

O que é importante é termos bom senso e sabermos lidar com as diferenças, não se escandalizando com palavras diferentes daquelas que por nós são conhecidas, mas perguntando o real significado antes de tirar conclusões precipitadas. Trata-se de uma mesma língua, com suas particularidades, mas com a maioria de suas regras gramaticais e vocabulário similares.

Além das diferenças já citadas entre o português de Portugal e o português do Brasil, devemos considerar que, mesmo seguindo o português europeu ou de Portugal, ainda existem sete países que também possuem sotaque, costume, cultura, economia e forma de falar à sua maneira e podemos concluir que, além das diferenças do português de Portugal e português do Brasil, temos também as diferenças do português 'africano' e, se continuarmos a passar a vida a tentar definir ou dizer quem fala o português mais

correto, acabaremos por segregar e não utilizar a força latente que todos os falantes de língua portuguesa teriam juntos.

3.2 RELAÇÕES LUSÓFONAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Podemos considerar a língua como um ponto de partida para a ligação entre os povos de Portugal e do Brasil e que essa semelhança permite uma aproximação a fim de explicar e relacionar um conjunto de relação mercantil e política, que outrora era considerado como o período do imperialismo português, quando o Brasil ainda era uma colônia.

Em meados do século XVI, o Brasil foi associado ao sucesso financeiro de uma colônia que alimentava o Reino de Portugal, mas, séculos depois, com a independência, foi ganhando seu espaço e créditos, o que o afastou e criou conflitos entre si e seu antigo colonizador, fazendo-se necessário buscar uma harmonia entre ambos.

O relacionamento dos dois países (Portugal-Brasil), ao começo, a ideia de “mãe-pátria” e de “filho diletto” mascarava a desigualdade do vínculo até a independência brasileira. Já o conceito dos “países irmãos” veio introduzir uma noção de maior equilíbrio, mas contendo ainda algum grau de conflitualidade, pois que os irmãos amam-se mas disputam-se entre si. (Menezes, 1997, pp. 34-5).

A língua é um patrimônio de todos os falantes, mais do que uma simples forma de comunicação, é uma forma de relacionamento entre sujeitos. Língua é parte de nós mesmos e da nossa identidade e a lusofonia veio com uma mensagem ideológica, com a intenção de uma construção cultural e é de interesse dos países abrangidos que ela ocorra. Essas nações têm como intenção gerir uma ideia de cooperação e não dominação por parte dos portugueses em relação aos demais países falantes do português, ou qualquer outra nação para com Portugal.

São coisas que buscam unificar e aproximar, tal qual o novo acordo ortográfico, que tem sofrido muita crítica e recriminação, mas que tem única e simplesmente a intenção de fazer com que os sujeitos falantes do português falem ‘a mesma língua’.

O mundo hoje em dia tem evoluído em uma velocidade jamais vista e muitas áreas – inclusive da vida quotidiana – têm sofrido transformações. O ser humano, por sua vez, é uma das espécies que mais conseguem adaptar-se e evoluir com as novidades da vida.

No que se trata de língua portuguesa, as evoluções sofridas são visíveis e frutos de muitas descobertas, navegações e colonizações. Além das inúmeras diferenças encontradas ao longo do território português, contamos, também, com os sotaques encontrados nos países colonizados por Portugal.

Uma vez que não existe a língua brasileira, africana e a língua portuguesa (separadamente), podemos dizer que a língua portuguesa não é uma língua linear e única, mas que conta com variações.

Porém, se brasileiros e africanos não falam a língua portuguesa de maneira limpa, correta (de acordo com portugueses) e não tentam "aprender" português com seus colonizadores, qual seria o futuro da língua portuguesa?

Como conclusão, não cheguei a nenhuma novidade, não consegui explicar nada e nem me auto afirmar como brasileira que fala brasileiro mais que no fim é português. Por fim, analisamos as diferenças, que possuem coisas em comum e que devem ser levadas em consideração.

Todos os povos, os sujeitos, com seus diretos e variedades, para que juntos, quase que em força-tarefa, possamos transformar nossa língua em uma das mais faladas do mundo!

3.3 PORTUGUÊS BRASILEIRO X PORTUGUÊS EUROPEU

Brasil /Portugal

- A gosto (em receitas) = quanto baste
- AIDS (de Acquired Immunodeficiency Syndrome) = SIDA
(Síndrome de Imunodeficiência Adquirida)
- Abobrinha = curgete
- Abridor de garrafas = saca-rolhas
- Abridor de latas = abre-latas
- Academia = ginásio (de desporto)
- Acne, espinha na pele = acne, borbulhas (informal)
- Acostamento = berma
- Adular = engraxar (informal)
- Aeromoça = hospedeira
- Alho-poró = alho-porro

- Alto-falante = altifalante
- Aluguel = aluguer ou arrendamento, dependendo do sentido
- Alô? = Estou? (atendimento telefónico)
- Amerissagem = amaragem
- Andar térreo = rés-do-chão
- Espetacular! = brutal! (informal)
- Anotar = apontar
- Antecipado (pagamento) = à cabeça (informal)
- Apelido = alcunha (enquanto apelido, em Portugal, significa

sobrenome)

- Ter vontade de, querer = apetecer
- Apontador = afia, afia-lápis
- Aposentado = reformado
- Apostila = sebenta
- Aquarela = aguarela
- Aqui = aqui, cá
- Ardido (pimenta etc.) = picante
- Aro de roda (de carro) = jante
- Arquivo = ficheiro
- Asfalto = alcatrão, asfalto
- Assistir = ver
- Atacadista = grossista
- Atacante (futebol) = avançado
- Aterrissagem = aterragem
- Aturar (alguém ou alguma coisa) = gramar (informal)
- Aulas particulares = explicações
- Axé = energia positiva
- Açougue = talho
- Bacia = alguidar
- Bairro = freguesia
- Baixar (copiar ficheiro através da Internet) = sacar (informal),

transferir

- Bala doce = rebuçado
- Balança (para crianças) = baloiço

- Band-aid = penso
- Banheiro = casa de banho
- Banho de banheira = banho
- Barbeiragem = aselhice (informal)
- Barbeiro (motorista ruim) = aselha
- Basquete = basquetebol
- Batedor de carteira = carteirista
- Batida = choque
- Bebedeira, porre = bebedeira, carraspana (informal)
- Bebê = bebé
- Besteira = disparate
- Bife a cavalo = bitoque
- Bilhão (quantidade) = mil milhões, bilião
- Biquíni, maiô = biquíni, fato de banho
- Biscoito champagne = palitos de La Reine
- Bisnaga (pão) = cacete
- Bituca de cigarro = beata
- Blusa = camisola
- Boate = discoteca
- Bobo = parvo
- Bola de gude = berlinde
- Bolsa feminina = mala
- Bolso = algibeira, bolso
- Bom = porreiro (informal)
- Bonde = elétrico
- Boy (escritórios), mensageiro = estafeta
- Briga, confusão = zaragata (informal)
- Brócolis = brócolos
- CDF = cromo
- CNH (Carteira Nacional de Habilitação), carteira de motorista =

carta de condução

- Cabeça de área (futebol) = trinco
- Cabular aula, matar aula = baldar (informal), faltar à escola
- Cachorro = cão

- Cachorro-quente = cachorro
- Cadarço (de sapato) = atacador
- Café = bica
- Café expresso = bica, cimbalino (no Norte), expresso
- Café com leite = galão
- Café da manhã = pequeno-almoço
- Caipira = saloio
- Cair (a ligação telefónica) = vir abaixo
- Caixa (de som) = coluna
- Caixa postal = apartado
- Caixa de câmbio (do carro) = caixa de velocidades, mudanças
- Calcinha = cuecas de mulher, cuecas femininas
- Calhambeque = Dona-elvira
- Calçada = passeio
- Camarão = camarão, gamba
- Caminhonete, perua, van = carrinha
- Caminhão = camião
- Camisa, camiseta = T-shirt
- Camisola = camisa de dormir
- Canadense = canadiano
- Candeeiro = abajur
- Cansado = cansado, estafado
- Canudinho (de refrigerante) = palhinha

*Fonte: <https://sergiocatarino.net/dicionario-de-portugues-brasileiro-para-portugues-europeu/>

CAPÍTULO 4

O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA CRIANÇAS

Através da regular exploração do ambiente é que a criança adquire compreensões intuitivas sobre o mundo, o que a leva pensar de maneira coerente sobre objetos, eventos e pessoas ao seu redor. De acordo com estudos de Gardner (1994, p. 76), na idade de cinco ou seis anos a criança já desenvolveu (de relevante modo) os sentidos vigorosos de três dimensões: 1) no mundo dos objetos físicos, sendo a teoria da matéria; 2) no mundo dos organismos vivos, sendo a teoria da vida; 3) no mundo dos seres humanos, desenvolvendo a teoria da mente.

O autor afirma que existem as teorias ‘feitas em casa’, que são responsáveis pelas compreensões emergentes que a criança tem com relação ao mundo e são exploradas por habilidades em diferentes áreas. São de amplo domínio, mas de valores e inteligência individualizada. Todo sujeito possui conjuntos de teorias ‘feitas em casa’, tratando-se de conhecimentos pré-adquiridos que estão ligados a capacidades, propensões, compreensões e influenciam a forma com que os novos aprendizes entendem as matérias e novos conhecimentos encontrados. Todo sujeito usa seus conhecimentos prévios e regula e delinea as interferências de novos conhecimentos a partir de seus conhecimentos iniciais.

Tais teorias são indispensáveis para todo ser humano no que diz respeito ao dar sentido à maior parte dos obstáculos e novos conhecimentos encontrados em sua caminhada. Mas faz-se um grande problema quando ignoradas pela escola e sua forma de aprendizagem.

Gardner (1994) sugere que tais teorias permanecem com todos os sujeitos ao longo da vida e vão além das quatro paredes da escola. O autor salienta, ainda, que a criança, já aos dois anos de idade adquiriu sentido funcional do mundo físico e seria ir contra todo o seu sentido desconsiderar seus conhecimentos prévios e formas de aprender. Apresenta, então, as Teorias Intuitivas da Criança ou explica as ditas ‘teorias feitas em casa’, sendo elas: teoria Ontológica, Teorias do Número, Teorias da Mecânica, Teoria Sobre o Mundo dos Seres Vivos e a Teoria da Mente.

Em relação à Teoria Ontológica, Gardner (1994, p. 78) explicou que, após os dois anos, o conhecimento inicial da criança sobre o mundo físico sofre alterações mais finas. Primeiramente, as distinções ocorrem de maneira mais grosseira e ela distingue os objetos tangíveis e os não tangíveis, depois, estabelece distinções entre os objetos que se movem

por si só (vivos); objetos que precisam ser movidos (não vivos) e os objetos que não se movem e são incapazes de sentir ou pensar. O autor trata da importância da ontologia emergente da criança, pois essa interfere no modo com que a criança pensa sobre as classes e como se relaciona com elas.

Acerca da Teoria dos Números, o autor relata que há uma forte e precoce tendência da criança no reconhecimento numérico, além de ser a preparação para a numeração do sujeito. Tratando-se da capacidade de lidar com os tipos de seres de maneira também numérica, para conhecê-los como parte de conjuntos de diferentes tamanhos.

As compreensões numéricas parecem surgir de forma natural nos anos pré-escolares e podemos observar como crianças de quatro anos já possuem a capacidade de enumerar coisas. O que, também, mostra-se impossível a desassociação da aprendizagem numérica com qualquer outra aprendizagem, uma vez que nos deparamos com números em jogos, livros, valores, horas, seja em qual língua for.

Ao que se refere à Teoria Mecânica, trata-se de certas concepções básicas que a criança tem com relação ao comportamento da matéria e os objetos rígidos. Nesse caso, explica como desde pequena ela tem a certeza de que o aumento no impulso sempre levará ao aumento dos resultados observáveis, induzindo à convicção de que os objetos irão dirigir-se para o local aonde estavam anteriormente destinados. Trata-se de uma suposição do comportamento dos objetos e faz-se indispensável para a distinção dos objetos (o que, normalmente, acontece a partir dos três anos de idade). Sendo assim, a criança começa a entender os objetos que: 1) parecem mover-se por vontade própria; 2) não podem mover-se por vontade própria; 3) podem mover-se apenas quando impelidos por forças exteriores a eles.

Quanto às Teorias Sobre o Mundo dos Seres Vivos, a criança discrimina as classes dos seres vivos que se movem por si só (vivos), os que são incapazes de se mover por si só (morto ou não vivos), os que têm existência natural no mundo (minerais, plantas ou alguns animais) e os que foram feitos pelos seres humanos (edifícios, máquinas, brinquedos etc.). Para as crianças, o ser humano é o organismo prototípico e quanto mais algum outro organismo lembre um ser humano, mais é provável que seja atribuído de comportamentos referentes ao universo humano, sendo uma biologia intuitiva ou popular por parte da criança.

Por fim, acerca do que se trata da Teoria da Mente, a criança passa a desenvolver facilidades e caminhos a pensar sobre a mente humana e todas as teorias que ela

envolvem. Assim, a criança já consegue reconhecer-se no mundo (a partir dos dois anos) como um sujeito separado e não mais totalmente dependente ou parte de sua mãe, como nos anos iniciais, sabendo, por sua vez, reconhecer os outros indivíduos. Pelo terceiro ano de vida, a criança já começa a relatar suas vontades e começa a ter a consciência delas, mas é no quarto ano de idade que a criança começará a representar e gerenciar os conteúdos de outras mentes.

Segundo o autor, é importante encararmos todas essas teorias em âmbito escolar para que tenhamos sucesso em nosso ensino. Entendendo os vários níveis de sofisticação simbólica e forma de aquisição de conhecimento e respeitando cada estágio de vida e forma de aprendizagem de cada sujeito. Ressalta, por sua vez, que os jovens desenvolvem rigorosas teorias sobre o mundo e si mesmos, sobre os outros e a matéria e é isso que lhes permitira lidar com as barreiras do dia a dia. Essas teorias surgem de forma espontânea e desenvolvem correntes de interferências ao longo da vida, por vezes facilitando, outras limitando as formas do aluno aprender; são desenvolvidas através das premissas básicas da teoria ou das teorias nas quais os alunos se baseiam.

Ao que diz respeito à linha de pensamento teórico de cognição humana, considera-se que as condições de afirmar que as compreensões iniciais da mente e da matéria representam aspecto crucial no aparato mental que a criança carrega até chegar à escola, como ligação direta à forma como a criança pensa e a bagagem que leva para a escola. Expressando, ao longo de sua vida, a forma como pensa com relação a temas academicamente abordados, até que seja instruída deliberadamente a modificar a forma de concebê-los.

Quando as potencialidades das crianças são ignoradas ou negadas nos anos escolares, seja para o ensino regular ou aquisição de língua segunda, a educação acaba por ser homogeneizada e o ensino tratado como, apenas, uma forma de passar conhecimentos e não pensar nas necessidades e conhecimentos pré-adquiridos de nossos alunos. Torna-se massificada e dificulta a aprendizagem, pensa-se nos alunos como uma tábua rasa e que cabe apenas à instituição o desenvolvimento cognitivo da criança, desconsiderando o que ela traz de casa e que vivemos em uma constante mudança.

O ensino, então, deveria dar espaço à valorização da mente do sujeito, seja ele adulto ou criança, valorizando sua experiência de vida, capacidade, criatividade, riquezas, originalidades e versatilidade.

CAPÍTULO 5

QUANTO À LITERATURA

Todos os livros favorecem descobertas de sentidos, mas são os literários que o fazem de forma mais abrangente e significativa. A leitura tem o poder de nos levar a relacionar nossa realidade à realidade descrita. Enquanto textos informativos se atêm a factos acontecidos, a literatura logra atingir uma significação mais ampla, representando o particular e dando conta da totalidade do real, utilizando a imaginação que lhe permitira vivenciar experiências alheias às suas, ampliando a visão do mundo, mas conectando ficção à sua realidade. A escolha por trabalhar com histórias em aula de Português como Língua Estrangeira (PLE) pode desencadear, também, resultados positivos no âmbito emocional dos aprendentes, redundando em uma boa disposição em aprender e participar.

A utilização da literatura para o ensino de uma língua estrangeira não é relevante apenas para o ensino de crianças, mas pode ser uma ótima estratégia de ensino para adultos. Uma vez que todos fomos criança um dia, todos conhecemos alguns clássicos infantis e podemos fazer conexões entre memórias e nossas literaturas atuais preferidas.

Os documentos brasileiros que orientam o ensino de língua estrangeira (LE) alertam sobre a necessidade da seleção de textos adequados para a mediação da aprendizagem dos alunos nos âmbitos oral e textual. O Parâmetro Curricular Nacional Brasileiro salienta que o professor deve priorizar textos com os quais os alunos estejam familiarizados em sua língua materna. Afirmando que se trata de uma maneira de facilitar e auxiliar a aprendizagem do conhecimento sistêmico e a colaboração para um engajamento discursivo por parte do aluno. Fazendo-o apoiar-se em textos escritos e orais que tratam de conhecimentos de mundo com os quais já estejam familiarizados.

Assim, para ensinar um aluno a se desenvolver no discurso em uma língua estrangeira, aquilo do que se trata a interação deve ser algo com o qual já esteja familiarizado. Isso pode ajudar a compensar a ausência de conhecimento sistêmico por parte do aluno, além de fazê-lo sentir-se mais seguro para começar a arriscar-se em língua estrangeira. O conhecimento do mundo referido nos textos pode ser ampliado com o passar do tempo e incluir questões novas para o aluno, de modo a alargar seus horizontes conceituais, o que, aliás, é uma das principais contribuições da aprendizagem da Língua Estrangeira. (Brasil, 2001, p. 33)

O professor de PLE deve sempre buscar engajamento e propostas transformadoras para uma educação atual de qualidade. O livro didático – há tempos – deixou de ser o único meio de ensino eficaz e os alunos de hoje, com toda a informação disponível, deixaram de ser sujeitos leigos e sem conhecimento. Basta um *click* e eles terão acesso a

qualquer informação, mesmo que por nós não sejam passadas. Cabe ao professor delinear estratégias que resgatem o papel da literatura e métodos diferenciados que cativem a atenção dos estudantes, mais do que os entretenimentos disponíveis.

A literatura promove um engajamento dos alunos e o livro pode ser um companheiro fora de sala de aula que o conecte aos temas abordados por nós, professores de PLE.

De acordo com Bettelheim (1978), a simbologia dos contos de fadas fornece respostas a questões mobilizadoras e colaboram para o equilíbrio emocional das crianças, auxiliando-as a demonstrar o que se passa em suas mentes de maneira mais controlável. Sendo assim:

[...] quando todos os pensamentos mágicos do sujeito estão personificados em um bom conto de fadas – seus desejos destrutivos em uma bruxa malvada, seus medos em um lobo feroz [...] a criança pode, finalmente, começar a ordenar essas tendências contraditórias. Mostrando à criança de que modo ela pode personificar seus desejos destrutivos em uma figura, identificar-se com uma terceira e, daí em diante, como requeriam suas necessidades momentâneas. (Bettelheim, 1978, p. 82)

Para as crianças, o uso da literatura em sala de aula (mais propriamente dito os contos de fadas) traz benefícios na mediação de conflitos internos e, reconhecendo e possivelmente auxiliando na superação do problema. Uma vez que, na maioria das vezes, a criança já conhece a história em sua língua materna, não há como desconsiderar que ela faça associações entre o que está lendo com o que outrora já leu, na mesma história. Faz com que ela continue pensando na história, refletindo sobre ela e falando sobre o assunto. Nessa perspectiva, de acordo com as ideias de Gardner (1994), o uso da literatura nas aulas de PLE é efetivo quando utilizados textos que se relacionem com sua realidade e sejam significativos.

As compreensões infantis da mente e da matéria afetam fortemente seus roteiros sobre os objetos e eventos mais universalmente encontrados no mundo – a pedra caindo, o amigo triste. Mas a criança também tem registrado conhecimentos de muitos outros conjuntos de eventos geralmente encontrados e, talvez, mais idiossincráticos. Seus roteiros não incluem apenas a festa de aniversário, mas também as férias de família, o passeio de carro [...] não apenas os eventos que elas testemunharam com seus próprios olhos, mas também enredos e personagens que elas viram na televisão ou no cinema, ou sobre os quais aprenderam nos livros. As crianças esperam ler e ouvir sobre exemplos destes roteiros – ou variações deles – em seu currículo escolar. Na medida em que o que lhes é ensinado é compatível ao conjunto de eventos canônicos, tais matérias serão prontamente assimiladas, mas na medida em que tais sequências de eventos recentemente encontradas conflitam com

roteiros muito arraigados, as crianças podem distorcê-las ou ter dificuldades em assimilá-las. (Gardner, 1994, p.88)

5.1 LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR

De tempos em tempos, os métodos de ensino escolares devem ser revisados e readaptados à nova sociedade. A integração da literatura para o ensino de línguas no meio escolar é um avanço educacional, uma vez que as obras literárias materializam-se nos textos constituídos pelos códigos verbais escritos. Mas, ainda hoje, muitos textos literários são utilizados apenas para o ensino de regras gramaticais e reconhecimento de características pertencentes por determinado período e pouco é explorado em sua totalidade, possuindo uma pequena participação na vida escolar, ainda mais no que se diz respeito ao ensino de línguas. Perdendo-se, então, a possibilidade de apreciação do valor estético e geral da obra, condições essenciais ao que diz respeito da formação de leitores.

Outro aspeto relevante da literatura e motivo pelo qual deve-se pensar no sujeito e seus conhecimentos prévios é que nenhum texto é concebido apenas de uma forma, por mais referencial que seja, o que faz com que um texto não possa ser abordado e recebido de uma maneira apenas, e sim de uma forma não previsível de estabelecimento de diálogo. Os textos literários são obras artísticas cuja natureza aponta para a ambiguidade e a plurissignificação, por isso, não é adequado limitar o ensino da literatura à regularidade encontrada em boa parte das escolas, que costumam buscar normalização em procedimentos metodológicos, uma vez que a norma dos textos literários é não possuir norma e não há impossível ou possível.

Sendo assim, ensinar literatura e estabelecer métodos para tal implica na reestruturação da escola e do ensino regular da escola tradicional, aceitando e assumindo riscos, dificuldades e as desacomodações próprias da mudança. Tendo em vista, por parte do professor, que tal tarefa nunca será igual e com os mesmos resultados, sendo impossível ser transferível de grupo para grupo, de ano letivo para ano letivo. O projeto inicial, a ideia e a forma de mediação podem ser parecidas, mas o mais interessante do uso da literatura em quaisquer formas de ensino é, justamente, a resposta e o diálogo que será criado em sala de aula. Trata-se do mostrar-se aberto, aceitar o imaginário do aluno e a visão do mundo exposta em sua forma de transpassar sua imaginação em textos de riqueza literária e saber que não poderá controlá-lo ou limitá-lo, mas que faz bem o seu

papel como docente quando dá asas à imaginação dos nossos alunos e os ajuda a alcançar o conhecimento que queremos passar através de qualquer texto que seja.

Seja ficção ou realidade, utilizar os textos para tratar dos conhecimentos prévios dos alunos e ampliar o vocabulário dos mesmos, assim como a escrita, o conhecimento linguístico, a entonação e a intenção de cada personagem, nos leva a mergulhar em um universo mágico junto com nossos alunos, lembrando nossos contos preferidos e as histórias que já nos contaram. A leitura é uma grande descoberta do mundo que acontece na imaginação individual de cada sujeito. Por haver a possibilidade de múltiplas interpretações, há o impedimento de uma fixação de uma nunca verdade definida e acabada, o que ratifica as expressões dos alunos e desautoriza a certeza do professor, ocasionando, com isso, o desaparecimento de uma hierarquia rígida sobre a qual o sistema educacional tradicional apoia-se, estabelecendo uma aliança mais democrática e de igualdade entre professor e aluno. Facilitando o diálogo e a troca, de uma forma mais flexível e passível de mudanças constantes.

Cada sujeito possui sua forma de aprender e suas capacidades intelectuais. Por sua vez, as capacidades intelectuais são como blocos construtores, que a partir deles as linhas de ação e produtivas do pensamento são construídas. Segundo a teoria das inteligências múltiplas, há diferentes capacidades cognitivas que envolvem formas altamente desenvolvidas de aprendizagem e é através da inserção de atividades intelectuais (que outrora eram excluídas) que as inteligências são desenvolvidas. Possuindo, cada um, algum domínio de competência intelectual potencial e que poderão ser desenvolvidos e ampliados se forem expostos a estimulantes adequados.

Trata-se das tendências intelectuais inatas, sendo processos heterogêneos de desenvolvimento que são formados e transformados pelos valores e práticas particulares da cultura na qual o sujeito está inserido. A maioria dos psicólogos e dos pesquisadores da área educacional já constatou que mesmo que os mecanismos cognitivos das pessoas estejam em ordem aparente, não necessariamente o processo educacional acontecerá se a mediação ou o estímulo externo não acontecer de maneira correta.

A aquisição de uma língua segunda ocorre de maneira mais demorada e gradativa, sendo um árduo trabalho por parte dos professores e dos alunos. Estabelecendo uma meta de alcance e ajudando os alunos a encontrarem os estímulos necessários para que aprendam ou desenvolvam os saberes linguísticos de maneira correta e mais eficaz, imergindo no universo da nova língua e buscando tudo o que puder acerca dela. Um facto, na aprendizagem de uma segunda língua, é que quando estamos no país da língua

estudada é muito mais fácil e rápida a aprendizagem, por uma questão de necessidade, mas nem sempre conseguimos fazer esse intercâmbio cultural para aprendermos uma nova língua – e nem deveríamos. O intercâmbio cultural de imersão da língua aprendida deve ser diário, com livros, músicas, jogos, vídeos, programas, literaturas locais.

Se aprendemos mais o nome de alimentos, por exemplo, quando nos mudamos para o país que fala a língua que estamos estudando, uma vez que precisamos ir ao mercado, comprar lanches ou pedir alimentos nos restaurantes, por que não, por ventura, criarmos uma lista de compras em casa com o nome dos alimentos na língua estudada e tentarmos ir ao mercado, sem nenhum tipo de tradutor, e comprar os alimentos que anotamos estar precisando? A descoberta de uma nova língua é sempre uma aventura, mas não há mal nenhum errarmos de vez em quando. Imagine nossos alunos chegando a casa com o açúcar ao invés do pão da lista de compras, o melão ao invés de macarrão. Mas são as práticas diárias e lúdicas que nunca saem da memória de nossos alunos e é a aquisição linguística perfeita quando conseguimos mostrar o sentido aos nossos alunos com aquilo que estamos ensinando, sem se atentar apenas à gramática e ao currículo de um livro escolar.

5.2 COMO SALVAR O ENSINO ATRAVÉS DA LITERATURA

Inúmeros livros, revistas ou artigos de pessoas especializadas em educação abordam o tema da literatura como factor auxiliador decisivo no que diz respeito a uma educação efetiva e de qualidade. Não como aquele antigo interesse de procurar uma literatura nacional ou estrangeira clássica, aquelas que os avós estudaram, depois os pais, depois eles, seus filhos, e então seus alunos. Não se trata da literatura clássica ou contemporânea, aquela que tratará a educação de forma romanesca.

Não se trata (mais) dos livros clássicos estudados por inúmeras gerações, aqueles que abordam a visão do autor com relação ao mundo, a escola, a educação e os problemas sofridos em época de escravidão. Do autoritarismo governamental ou uma forma de elitização da educação por parte do clero, ou a educação dada pela igreja e que escolhia aqueles que deveriam estudar. Não estamos a falar, somente, daquela literatura que aborda a diferença cultural, mas foi escrita com toda pompa e circunstância; não só aquela literatura desatualizada e escrita com todo tipo de palavra ‘bonita’ e que às vezes é até difícil de o estudante entender.

Eu mesma desenvolvi muitos anos depois o gosto pela leitura. Tinha lembranças dos tempos de escola e dos trabalhos que tinha com livros que pouco entendia, dificilmente lembrava-me e mais dificilmente ainda concluía os trabalhos de interpretação. Anos depois fui entender que não era a leitura que era difícil ou eu que não entendia, mas a abordagem e a obra que não eram necessariamente convincentes para a minha faixa etária e tinha uma linguagem não atual. Demorei anos para entender coisas que pessoas passam a vida toda e não descobrem: o quanto a leitura pode ser mágica e captar nossos sentidos.

Utilizar a literatura em sala de aula trata-se, primeiro, da seleção de textos que irão despertar o interesse dos alunos para a leitura e que terão por trás toda uma produção pedagógica que procurará nos textos ficcionais os instrumentos adequados para ajudar a construir novos educadores de forma consciente, amantes da leitura e estabelecer as mais diversas formas de diálogo silenciosas que serão capazes de proporcionar uma espécie de autoconstrução do sujeito a partir das inúmeras e diferentes perspectivas permitidas através das substâncias literárias. Trata-se de uma internalização de um mundo plural, ou seja, o desenvolvimento de uma capacidade de escolha e análise; de uma decisão e um julgamento. Trata-se de um entendimento (interno) de um ponto de vista descentrado (externo) que a literatura pode fornecer.

Nanine Charbonnel (professora na Universidade de Strasbourg e autora do livro *As Aventuras da Metáfora*) comenta que o texto literário ‘deveria fazer parte integrante de um estudo do pensamento pedagógico’, mas que, por sua vez, ‘a hora ainda não chegou em que um tal estudo se imporia em nossos cursos de educação’; concluindo, por sua vez, que acredita que essa hora ‘chegará’ (Charbonnel, 1991, p. 112). Philippe Meirieu (1999), por sua vez, comenta que ‘a literatura pode nos permitir apreender a experiência singular de toda empresa educativa [...] criar uma disposição de espírito apto a estabelecer escolhas em um universo marcado pela pluralidade das experiências e dos dados’ (Meirieu, 1999, p.12).

Nas últimas décadas, as discussões pedagógicas foram marcadas por um sociologismo em busca de um enraizamento social e de classes por parte de toda a pátria educativa e a influência social originada na performance escolar dos alunos, muitas vezes sendo apenas um psicologismo baseado excessivamente sobre a aprendizagem dos alunos e que acabava por transformar a sala de aula em um laboratório apenas de aquisição e de desenvolvimento cognitivo. Aquisição de aquilo que foi outrora programado pelos professores e desenvolvimento somente daquilo que já era esperado.

Por sua vez, a educação atual tem alcançado outros lugares e, outrora o que se tratava do discurso essencialmente científico (que dava o tom de *logos pedagógico*), agora deu lugar à emergência de um humanismo que já tem tomado uma forma especial, deixando de tratar a educação como uma educação estética e imutável, mas passando a considerar uma nova relação entre a educação e a literatura.

Nesse novo cenário educacional, produzido entusiasticamente por uma possível nova aliança entre educação e literatura, Flavio Brayner, em seu artigo produzido na Universidade de Pernambuco, em 2005, relata algumas diferentes orientações acerca do uso da literatura em sala de aula. A primeira, o que ele chamou de a ‘*pedagogização da literatura*’, quer dizer que há uma busca de ampliação de forma e conteúdo mas desejando resultados semelhantes: “uma construção de si por meio de uma viagem acompanhada e refletida, cujo fim é uma elevação pessoal que a educação e a instituição não podem proporcionar” (Brayner, 2005, p. 64). Ao que diz respeito da segunda orientação, o que ele chama de ‘*literaturização da pedagogia*’, quer dizer o fazer a educação uma reescrita de si, aonde o ato educativo exercido sobre o próprio sujeito (uma forma de auto-subjetivação) se confundirá com uma escrita ficcional, aonde a vida e a literatura se encontrariam e tomariam uma forma de estética da existência.

O uso da literatura em sala de aula, por sua vez, pode nos levar a uma aproximação considerável com nossos alunos. Aprender a trabalhar com literatura não quer dizer apenas que o aluno irá ter acesso à ideia de um autor sem expressar sua própria ideia, pelo contrário. A literatura proporciona um contraponto de duas ideias: a de quem lê e a de quem escreveu. Através do exercício da leitura e interpretação de textos literários, podemos trabalhar o ensino de língua estrangeira através da gramática de um texto produzido pelos alunos, no qual podemos também descobrir muitas coisas sobre nossos estudantes.

CAPÍTULO 6

PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS

A produção de materiais didáticos é uma sequência de temas e atividades que tem como objetivo a aprendizagem e a fixação dos temas abordados em sala de aula. A

sequência de atividades pode ser descrita de várias maneiras e sofre influência dos métodos e características daqueles que os criaram, neste caso, os professores.

De acordo com Wilson J. Leffa, em seu livro “Produção de Materiais Didáticos de ensino: prática e teoria”, a criação de materiais didáticos deve envolver quatro momentos: (1) análise, (2) desenvolvimento, (3) implementação e (4) avaliação.

6.1 ANÁLISE

Análise trata-se do exame e a verificação das necessidades de aprendizagem dos alunos, facilidades, nível de adiantamento no tema abordado e o que eles têm mais dificuldades e precisam mais aprender. As análises são mais bem-sucedidas quando levam em consideração as características individuais de cada aluno, as características da turma e como eles se relacionam entre si, suas preferências, anseios e expectativas.

Para que a aprendizagem ocorra mais efetivamente, a análise prévia também é necessária para que o professor consiga produzir um material didático adequado à idade e ao nível de conhecimento dos alunos. Os materiais didáticos devem servir de escada para que o aluno alcance e compreenda o que ele ainda não sabe.

Os materiais didáticos delimitam o que os alunos precisam aprender e todo o caminho do ano letivo que os alunos vão percorrer. Ninguém aprende o que já sabe ou sabe tudo, os materiais didáticos devem ter uma sequência aonde um conteúdo complementa o outro e cheguem às atividades aonde os alunos colocarão em prática e mostrarão o que aprenderam através das avaliações. Os materiais didáticos devem oferecer ao aluno a ajuda necessária, no grau do seu conhecimento.

A análise inicial das necessidades dos alunos deve ser capaz de estabelecer as competências a serem desenvolvidas somando com os conhecimentos que o aluno já domina, resultando no que o aluno precisa aprender.

6.2 DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento parte dos objetivos que são definidos na análise das necessidades dos alunos, o desenvolvimento deve ser claro e objetivo e vai em direção às atividades que serão desenvolvidas no material. É o caminho que explica aos alunos o que é esperado deles, ajuda aos professores a verem se o conteúdo está sendo bem

abordado e promove uma interação entre professor e aluno e auxilia o professor a entender o que está sendo eficiente para alcançar a avaliação.

Os objetivos podem ser gerais e específicos: os objetivos gerais são os objetivos em longo prazo que o professor terá para o ensino de seu aluno, sendo assim, trata-se de aonde o professor quer chegar na unidade abordada e temas ensinados. Os objetivos específicos são para os períodos menores, podendo tratar-se de uma aula, uma unidade ou apenas uma atividade. Em planejamento, ambos devem começar com a descrição do comportamento final e a intenção que o professor tem para com os alunos ao encerrar a unidade ou atividade.

**Exemplos de objetivos gerais:
Aplicar, analisar, integrar, aceitar, julgar, interpretar,
etc.**

**Exemplos de objetivos específicos:
Relacionar, afirmar, destacar, escrever, distribuir,
detectar. utilizar. localizar. etc.**

O objetivo de aprendizagem tem componentes essenciais, sendo eles: condição de desempenho, comportamento esperado dos alunos e o critério de execução da tarefa estabelecida. O objetivo são sempre os termos do que o aluno deve alcançar, tendo ênfase na aprendizagem, o que ele deve adquirir e o comportamento que ele demonstra frente às atividades desenvolvidas e o caminho que o aluno percorrerá para atingir tal objetivo.

Os objetivos devem ser traçados e produzidos não só no âmbito da aquisição do conhecimento e domínio cognitivo, mas também no que se trata do domínio afetivo (analisando as atitudes dos aluno) e o seu domínio e desenvolvimento psicomotor, envolvendo suas habilidades. Os objetivos devem analisar também o tempo disponível de abordagem do tema proposto, o que, normalmente, pode ser uma dificuldade unir os objetivos de ensino com o tempo disponível.

6.3 IMPLEMENTAÇÃO

A etapa de implementação deve observar, primeiramente, se o material produzido será utilizado pelo próprio professor, se será utilizado por outro professor, se é um projeto para a escola toda e todos os outros alunos (mesmo que não conhecidos pelo professor que criou o material) e, por último, se será apenas um material utilizado pelos alunos sem o auxílio de quaisquer professor. Todos os casos de abordagem necessitam diferentes formas de implementação.

Quando o professor prepara os materiais para seus próprios alunos, a abordagem acontece (muitas vezes) de forma mais intuitiva e de acordo com o conhecimento que o professor tem acerca de seus alunos. Quando o material será usado por outro professor, é necessária uma instrução de como o material deve ser apresentado e abordado com os alunos de acordo com a visão de quem o criou.

Quanto ao uso de materiais para fixação sem o auxílio do professor, os materiais devem ser claros, determinar o nível e idade dos alunos e estabelecer um contato com o aluno. Quando criamos um material didático, devemos prever se o aluno fará o uso dele sozinho e que o qual seja claro e autoexplicativo.

Ao que se trata dos professores que utilizam materiais criados por outros professores ou companhias, isso não é novidade. Normalmente as escolas já possuem um material didático predefinido e o papel do professor é estudar tal material e adequar aos seus alunos, produzindo seus próprios materiais de acordo com a necessidade dos mesmos e implementando com todo o carinho e respeitando o conhecimento de casa do aluno.

6.4 AVALIAÇÃO

A avaliação em materiais didáticos acontece de maneira informal, mas auxilia a criação das atividades e as provas que avaliarão os alunos. A avaliação em materiais didáticos ocorre através da observação dos temas adquiridos pelos alunos através das atividades, textos e projetos que serão feitos ao final de cada unidade ou tema abordado.

Através da avaliação informal que é feita no decorrer das unidades os professores têm as respostas do que os alunos aprenderam e aquilo que deve ser novamente explicado. As avaliações informais podem ser, também, trabalhos que ajudarão aos alunos a receberem as notas necessárias para concluir o ano letivo, apresentações ou apenas atividades entregues aos professores e corrigidas. As atividades auxiliam os alunos na

fixação e ao professor para entender aquilo que os alunos aprenderem e precisam aprender.

Após todo o processo de ensino, acontece a avaliação formal, em que os alunos demonstrarão se aprenderam o que foi ensinado e estão aptos a passar para outros níveis ou não.

Sendo formal ou informal, as avaliações se dão através de atividades elaboradas pelos professores ou já determinadas nos materiais didáticos das grandes editoras que produzem materiais de ensino. Sabendo da importância das atividades, o capítulo que se segue tratará de atividades com livros de literatura mundialmente conhecidos.

Todo material, por si, também passa por uma avaliação antes de começar a circular e ser utilizado como material de estudo. Normalmente por uma banca de professores e o auxílio de alunos que farão algumas atividades de temas propostos pelo material didático.

CAPÍTULO 7

ATIVIDADES

7.1 O USO DA LITERATURA NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA SEGUNDA E ESTRANGEIRA

A literatura tem o poder de ter uma linguagem facilitada, única e cativante. Consegue alcançar qualquer classe social, envolve os leitores em suas histórias, tem o poder de comover, alegrar, fazer sonhar e a imaginar. A literatura gera movimento, quem a acessa não consegue ficar aquém da sua história, mas se envolve de maneira a ser cativado.

Ao passear por Paris, aonde quer que passemos encontramos coisas sobre uma literatura que ficou mundialmente conhecida e foi traduzida para mais de 220 idiomas e dialetos – tratando-se da obra literária com mais traduções mundiais, espalhou-se com proporções outrora nunca esperadas pelo seu criador e cativa pessoas até os dias de hoje, sendo eles jovens, crianças e até adultos. Do escritor, ilustrador e aviador Antoine de Saint-Exupéry, integra o conjunto de obras sugeridas para a leitura integral, ao que se trata da disciplina de Língua Portuguesa, no ensino do segundo ciclo do ensino básico brasileiro.

Explorando um pouco mais o continente europeu, não teríamos como falar de literatura e lugares sem falar de Verona. Verona é uma cidade da Itália com pouco mais de 206 quilômetros quadrados repletos de literatura e amor. Ainda hoje, pessoas do mundo inteiro escrevem ‘Cartas para Julieta’, outras delas, por sua vez, viraram ‘sócios’ de Julieta e passam dias recebendo cartas e correspondendo os amores de outras pessoas que se encantaram com a magia e o amor espalhado por Verona. Tudo isso por ser conhecida por ter sido o lugar aonde foi gravado o filme que teve como inspiração uma das obras literárias mais conhecidas e importantes de William Shakespeare, Romeu e Julieta.

Verona recebe turistas do mundo inteiro, alguns fascinados pela história, outros pela arquitetura e muitos pela literatura. Pode-se, em Verona, passear pela vila de Willian Shakespeare, visitar a casa de Julieta, o castelo, ver as roupas, o túmulo. Mas como seria possível visitar o túmulo de alguém que nem morreu? A verdade é que não há sequer alguma confirmação da real existência de Romeu e Julieta, mas o facto de sua história cativar e alcançar tantas pessoas faz com que a veracidade não seja tão importante quanto

mergulhar no universo mágico de Romeu e Julieta e, por fim, Verona ganha cada vez mais visitantes e pessoas interessadas a ver o seu amor espalhado pela cidade.

Em relação a uma literatura mais atual, podemos citar o livro *O Diário de um Banana* e suas várias séries. Escrito pelo americano Jeff Kinney, teve sua primeira versão publicada nos Estados Unidos, no ano de 2007. Seu primeiro personagem foi criado no ano de 1998 e, aos poucos, foi desenvolvendo mais forma e recebendo mais histórias ao longo dos anos, até chegar ao ponto de juntarem as histórias todas em um só caderno e ocorrer a sua primeira publicação. Trata-se de um livro de género infantojuvenil de comédia, aventura e romance que foi traduzido para mais de 28 línguas, com milhões de cópias vendidas e que se tornou um *best-seller* mundial. Também teve suas páginas expostas em uma sala de cinema, em versão de longa metragem.

O livro do autor brasileiro Jorge Amado, intitulado *Gabriela, Cravo e Canela*, e *Os Maias*, do português Eça de Queiroz, também são exemplos de uma literatura que alcançou muito prestígio entre os apreciadores da literatura. São eles os exemplos de literatura escrita em língua portuguesa.

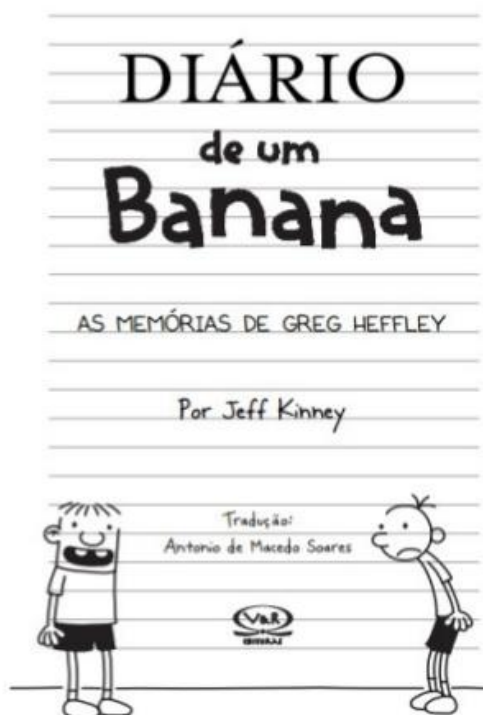
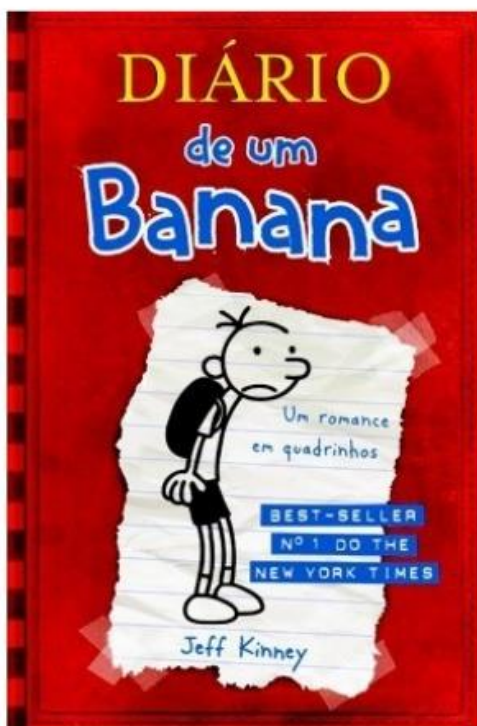
Com tanta riqueza de literatura no mundo, é excelente para nós (professores de português como língua segunda) aprendermos a utilizar a literatura como aliada em nossas aulas. São vários os métodos de ensino e cada professor tem (e deve ter) a sua forma de ensinar, mas a literatura conecta até os ensinos e desenvolve uma facilidade linguística e de aquisição. Muitos de nossos alunos já tiveram acesso a essas literaturas em suas línguas maternas ou, aqueles que não o tiveram, podiam tê-la como aliado. Uma vez que trabalhamos com obras traduzidas em outras línguas, nossos alunos podem ter acesso à literatura em sua língua materna e, então, no português.

A dificuldade dos alunos na leitura, muitas vezes, é a interpretação. Uma vez que nossos alunos leiam em português e depois possam ler em sua língua natal novamente, eles podem comparar e ter uma percepção diferente. Ideal seria que eles lessem em português – língua materna – português. O primeiro acesso seria, de facto, mais confuso, o segundo, em sua língua materna, seria o acesso que deixaria mais fácil usufruir da história e entender melhor o contexto; já com relação à terceira leitura, seria uma leitura de comparação e estudo gramatical.

A literatura tem o poder de agregar vocabulário, frases mais compridas e complexas, diálogos e compreensão. Deixou de ser só o dicionário o principal instrumento de trabalho de um professor de Português como Língua Segunda e Estrangeira, mas passou a ter um universo inteiro de literaturas que conectam os

estudantes a outras cidades, histórias e magias. A seguir, teremos uma tomada de alguns livros de literatura que cativaram o mundo e como poderemos utilizá-los de forma mais prática em nossas aulas.

7.2 LIVRO 1: O DIÁRIO DE UM BANANA, JEFF KINNEY



O livro *O Diário de um Banana* é um clássico infantojuvenil que teve seu primeiro personagem criado no ano de 1998. Passou de um esboço de papel para um best-seller internacional traduzido em 28 línguas e com milhões de cópias vendidas ao redor do mundo.

O primeiro livro da série foi lançado apenas em 2007, dando sequência para o segundo em 2008. Em 2009 ocorreu o lançamento de mais dois e em 2010 o quinto. Virou filme no ano de 2010 e peça de teatro em diversos lugares do mundo, sendo, no Brasil, sucesso absoluto em vendas na peça estrelada por Mateus Gomez, em 2017.

O primeiro livro trata da história de Greg e Rowley e seu primeiro ano na escola preparatória; o segundo sobre o concurso de talentos da escola e a relação de Greg com Rodrick; o terceiro livro, por sua vez, trata sobre os conflitos de Greg e seu pai e a relação dos meninos com o que poderia ser chamado sua primeira paixão e a menina mais popular

da escola; o quarto livro fala sobre as férias de verão de Greg e sua família, férias essas que não foram como o esperado e ele relata como horríveis; o quinto, por fim, chega a um assunto que constrange e é de grande dificuldade para todos os adolescentes: a puberdade (os livros seguem até o décimo).

Não é difícil chamar a atenção dos adolescentes para o livro em si, com linguagem fácil, com partes em formato de história em quadrinhos e assuntos de seu cotidiano, muitos professores de ensino fundamental e médio têm tido como auxílio o livro de Jeff Kinney.

7.2.1 Atividades com o livro

Diário é um gênero textual que tem como principal função o registo de acontecimentos ocorridos na vida de um sujeito. Ao se tratar dos textos do livro *O Diário de um Banana*, percebe-se que são relatos de acontecimentos vividos na vida de um adolescente cheio de dúvidas e questões recorrentes à sua faixa etária: Greg Heffley. O diário de Greg fala da relação dele em casa, com sua família e com os colegas na nova escola. Como função de eternizar acontecimentos, os diários são ligações que seus escritores fazem entre o seu dia atual e aquilo que outrora viveram, tratando-se de fatos muito importantes para quem escreve, por mais que não sejam tanto para quem teria acesso para ler.

Sendo que um diário são lembranças de factos e formas das pessoas escreverem e demonstraram da forma mais pura e aberta o que se passa em suas mentes, é uma boa forma de começarmos a trabalhar com novas turmas e entender a história de cada família e o que o fez querer imigrar ou estudar essa outra língua.

Trata-se do gênero textual (pode-se dizer) mais antigo de todos os tempos e presentes nas mais diferentes culturas, tem linguagem simples e fácil de compreensão e tem a intenção de captar a ideia de quem o escreve.

Faremos uma apropriação do texto através da abordagem do livro e explicação do gênero textual de diário é um mapa lexical em sala sobre os temas que poderiam ser encontrados nos diários. Indicaremos os alunos para fazerem a leitura do livro de Jeff Kinney e, posteriormente, conversaremos sobre as impressões que os alunos tiveram do texto.

- 1) Atividade: o que há no seu cérebro




Entregue a folha a seguir para os alunos escreverem o que eles têm em seu cérebro e faça um mapa lexical de coisas em comum entre os alunos no quadro (ex.: se são oriundos do mesmo país, se falam a mesma língua, se tem a mesma idade, quais seus interesses em comum etc.).



2) Se o género textual de diário é a lembrança do passado, faremos a proposta de uma brincadeira com o jogo a seguir, no intuito de brincar com o futuro dos nossos alunos:

Preveja o SEU futuro

O que vamos fazer agora é jogar o dado várias vezes, ticando itens quando cairmos neles, deste jeito:

1ª JOGADA: 	1	LAR	
	2	Apartamento	
	3	Casa	
2ª JOGADA: 	1	Mansão	
	2	Iglu	
	3	LOCALIZAÇÃO	
3ª JOGADA: 	1	Montanhas	
	2	Praia	
	3	Cidade	
		Iceberg	

Continue jogando até percorrer a lista toda e, quando chegar ao fim, volte para o começo. Quando restar apenas um item em cada categoria, faça um círculo ao redor dele. Depois disso, você conhecerá o seu futuro! Boa sorte!



LAR:	PROFISSÃO:
Apartamento	Médico
Casa	Ator
Mansão	Palhaço
Iglu	Mecânico
	Advogado

LOCALIZAÇÃO:	Plato
Montanhas	Atleta
Praia	Dentista
Cidade	Mágico
Iceberg	O que você quiser

FILHOS:	VEÍCULO:
Nenhum	Carro
Um	Moto
Dois	Helicóptero
Dez	Skate

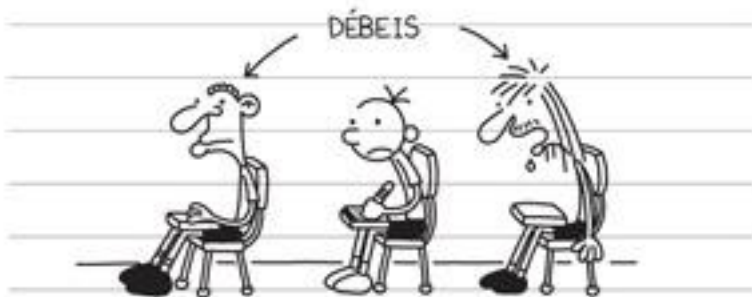
BICHO DE ESTIMAÇÃO:	SALÁRIO:
Cachorro	\$ 100 por ano
Gato	\$ 100.000 por ano
Passarinho	\$ 1 milhão por ano
Tartaruga	\$ 100 milhões por ano

3) Leia a tira abaixo:

imagino que, mais para a frente, quando eu for rico e famoso, vou ter coisas melhores para fazer do que ficar respondendo a perguntas bestas o dia inteiro. Daí este livro vai vir a calhar.



Como eu disse, um dia vou ser famoso, mas por enquanto estou preso no ensino fundamental com uma cambada de débeis.



2

Agora responda:

- a) Qual o gênero textual encontrado nessa história?
- b) Débeis é uma palavra de uso popular, você sabe o que são débeis? Explique.
- c) "Um dia vou ser famoso". Como você escreveria essa frase de maneira mais formal?
- d) Por que o livro viria a calhar quando Greg ficasse famoso?
- e) Quanto a você, se pudesse escolher ficar famoso, ficaria famoso por quê?

4) Proponha que os alunos tentem lembrar os fatos mais importantes de sua história e façam um diário e que passem a escrever daqui para frente sobre os acontecimentos de suas vidas. Peça que preparem uma apresentação curta sobre sua família e algo que eles gostem de fazer.

Faça rodas de conversa e compartilhamento após as apresentações para que os alunos compartilhem informações. Tire nota das palavras que os alunos conhecem e que mais utilizam e as que eles encontram dificuldade fonética.

Faça uma lista das palavras que eles demonstraram dúvida para explicar e utilize as que eles mais falaram para conversar em classe, perguntando quem conhece e quem não conhece o significado da palavra e pedindo para que os que o sabem expliquem o que significa.

7.3 LIVRO 2: O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Pequeno Príncipe

Com aquarelas do autor



O trabalho a seguir tem como objetivo estudantes que já possuem um nível mais elevado de aprendizado e se encontram em C2. A unidade será dividida em duas seções de 60 minutos para a parte teórica e uma seção de 30 minutos para a explicações, dúvidas e atividades; o resumo do livro será o trabalho de casa para conclusão e avaliação.

A língua portuguesa é considerada difícil de aprender não apenas pelas diferenças encontradas nos sotaques e formas de falar dos países falantes da língua portuguesa, mas, também, pelo uso de diversas conjugações e os tempos verbais. Para o ensino de português como língua segunda (e o ensino a planejar, estudar e analisar materiais didáticos que tivessem a intenção de auxiliar o professor a ter um ensino eficaz, totalmente personalizado e adequado à necessidade de cada nível com os quais fossem trabalhar. Essa unidade está direcionada a alunos estrangeiros de diversas partes do mundo, estudantes de português como língua segunda, que encontram-se em nível C2 e que, após terem aprendido verbos, cumprimentos, alimentos (entre outras coisas), começarão a aprender a utilizar os verbos aprendidos de acordo com os tempos verbais adequados, aprendendo a construir frases e um diálogo mais conciso.

7.3.1 Tempos verbais

Os tempos verbais são a forma como a ação é expressa e suas variantes, trabalharemos nesta unidade os modos Indicativos, Subjuntivos e Imperativos.

1. Indicativo: permite situar o processo no tempo, indica um acontecimento como um facto, uma certeza.

Exemplos:

Maria **vendia** bolos para ajudar nas despesas da casa.

Tenho o desejo de estudar Língua Portuguesa.

Presente do indicativo: apresenta ações acontecidas no momento da fala.

Exemplos (verbos dormir, beber e jogar):

Eu durmo, bebo, jogo;

Tu dormes, bebes, jogas;
 Ele/ela: dorme, bebe, joga;
 Nós dormimos, bebemos, jogamos;
 Vós dormis, bebeis, jogais;
 Eles/elas dormem, bebem, jogam.

Pretérito perfeito do indicativo: apresentam ações ocorridas no passado.

Exemplos (verbos dormir, beber e jogar):

Eu dormi, bebi, joguei;
 Tu dormiste, bebeste, jogaste;
 Ele/ela dormiu, bebeu, jogou;
 Nós dormimos, bebemos, jogamos;
 Vós dormistes, bebestes, jogastes;
 Eles/elas dormiram, beberam, jogaram.

Pretérito imperfeito: apresentam ações que demonstram não estar concluídas.

Exemplos (verbos dormir, beber e jogar):

Eu dormia, bebia, jogava;
 Tu dormias, bebias, jogavas;
 Ele/ela dormia, bebia, jogava;
 Nós dormíamos, bebíamos, jogávamos;

Pretérito mais que perfeito: apresentam ações concluídas há muito tempo, no passado.

Exemplos (verbos dormir, beber e jogar):

Eu dormira, bebera, jogara;
 Tu dormiras, beberas, jogaras;
 Ele/ela dormira, bebera, jogara;
 Nós dormíramos, bebêramos, jogáramos;
 Vós dormireis, bebereis, jogareis;
 . Eles/elas dormiram, beberam, jogaram.

Futuro do pretérito: apresentam ações que aconteceriam, mas não acontecerão mais.

Exemplos (verbos dormir, beber e jogar):

Eu dormiria, beberia, jogaria

Tu dormirias, beberias, jogarias

Ele/ela dormiria, beberia, jogaria;

Nós dormiríamos, beberíamos, jogaríamos;

Vós dormiríeis, beberíeis, jogaríeis;

Eles/elas dormiriam, beberiam, jogariam.

Futuro do presente: apresentam ações que acontecerão no futuro.

Exemplo (verbos dormir, beber e jogar):

Eu dormirei, beberei, jogarei;

Tu dormirás, beberás, jogarás;

Ele/ela dormirá, beberá, jogará;

Nós dormiremos, beberemos, jogaremos;

Vós dormireis, beberéis, jogareis;

Eles/elas dormirão, beberão, jogarão.

2. Subjuntivo: exprime uma ideia de dúvida, de uma ação irreal, hipotética, confundido, muitas vezes, com o modo indicativo pela sua composição por se caracterizar com um modo semântico e também por sua extrema dependência de outros verbos.

Exemplos:

Se tudo der **certo**, troco de carro ainda este ano.

Talvez eu **volte**, a lecionar naquele colégio.

Presente: apresenta um facto incerto, uma possibilidade no presente.

Exemplos (verbos falar, andar e comer):

Que eu fale, ande, coma

Que tu fales, andes, comas;

Que ele/ela fale, ande, coma;
 Nós falemos, andemos, comamos;
 Vós faleis, andeis, comais;
 Eles/elas falem, andem, comam.

Pretérito imperfeito: apresenta a possibilidade de um facto ter acontecido ou não.

Exemplos (verbos falar, andar e comer):

Se eu falasse, andasse, comesse;
 Se tu falasses, andasses, comesses;
 Se ele/ela falasse, andasse, comesse;
 Se nós falássemos, andássemos, comêssemos;
 Se vós falásseis, andásseis, comêsseis;
 Se eles/elas falassem, andassem, comessem.

Futuro: apresenta a possibilidade de um facto vir a acontecer.

Exemplos (verbos falar, andar e comer):

Quando eu falar, andar, comer;
 Quando tu falares, andares, comeres;
 Quando ele/ela falar, andar, comer
 Quando nós falarmos, andarmos, comermos;
 Quando vós falardes, andardes, comerdes;
 Quando eles/elas falarem, andarem, comerem.

3. Imperativo: quando o verbo apresenta uma sugestão, uma ordem.

Exemplos:

Por favor, diga-me as datas de entrega do trabalho.

Perdoe-me, por favor!

Depressa, vamos!

Composto por uma maneira diferente dos demais tempos verbais, o imperativo não conjuga o verbo na primeira pessoa do singular e, independe do tempo, uma vez que se trata de uma ordem, é suposto que seja uma ação futura.

Imperativo afirmativo:

Exemplos (verbo correr, nadar, cortar)

Corra tu, nade tu, corte você;

Corra você, nade você, corte você;

Corramos nós, nademos nós, cortemos nós;

Corrais vos, nadais vós, cortais vós;

Corram vocês, nadem vocês, cortem vocês.

Imperativo negativo:

Exemplos (verbo correr, nadar, cortar)

Não corras/nades/cortes tu;

Não corra/nade/corte você;

Não corramos/nademos/cortemos nós;

Não corrais/nadeis/corteis vós;

Não corram/nadem/cortem vocês.

7.3.2 Atividades com o livro:

Trabalho com livro: *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint Exupéry.

Objetivo de leitura: o livro de Antoine de Saint Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, um clássico da literatura mundial publicado no ano de 1943. Trata-se da terceira obra mais traduzida do mundo, totaliza o alcance de cerca de 160 línguas diferentes, o que a fez conhecida por todo (ou quase todo) o mundo e de um prestígio talvez nunca imaginado sequer por seu escritor. O livro, que relata a história de um pequeno príncipe sonhador em busca de um novo amigo, encontra-se repleto de ensinamentos. Além de ser riquíssimo em literatura, gramática e vocabulário (como os livros o são), o livro do Pequeno Príncipe nos traz lições para a vida e nos ensina a não desistir, mas persistir em

busca de nossos objetivos. Escrito cerca de um ano antes da morte de seu autor, pode ser que Antoine não tenha desfrutado dos frutos de sua obra, mas presenteou o mundo e seus descendentes com uma obra para marcar a história!

Estudar o livro do Pequeno Príncipe nos ensina muito mais do que a conjugação de verbos da língua portuguesa, mas é uma possibilidade de estímulo para que cada aluno busque persistir na aprendizagem da língua, uma vez que nunca sabemos aonde nossas obras e conhecimentos poderão nos levar.

1. Após a leitura do livro por completo, observe abaixo:

I

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, "Histórias Vividas", uma imponente gravura. Representava ela uma jibóia que engolia uma fera. Eis a cópia do desenho.



Dizia o livro: "As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão."

Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:



Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo.

Responderam-me: "Por que é que um chapéu faria medo?"

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática.

Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando.

Tive pois de escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei, por assim dizer, por todo o mundo.

E a geografia, é claro, me serviu muito. Sabia distinguir, num relance, a China e o Arizona. É muito útil, quando se está perdido na noite.

a) Por que o Pequeno Príncipe declara ter abandonado sua carreira de pintor? Justifique com suas palavras.

b) Para quem o Pequeno Príncipe mostrou seu desenho?

c) Qual foi a profissão escolhida pelo Pequeno Príncipe?

d) O narrador (quem está contando a história) também é um personagem do livro? Quem é ele?

e) Qual o significado da palavra CATIVAR?

f) Conjugue o verbo CATIVAR:

Eu

Tu

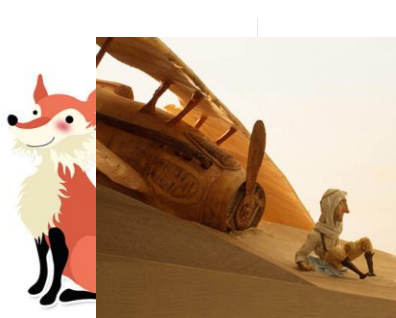
Ele/ela

Nós

Vós

Eles/elas

2) a) Nomeie as figuras e assinale quem são os amigos do Pequeno Príncipe:



B) Utilize o artigo correto para cada imagem acima:

___ raposa

___ ovelha

___ rosa



___ aviador

___ cobra

1) A) Leia as frases abaixo:

"Devia tê-la julgado pelos atos, não pelas palavras."

"Se tu queres um amigo, cativa-me!"

"Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas."

"Pô se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos."

"Quando a gente anda sempre para frente, não pode mesmo ir longe."

"O que torna belo o deserto é que ele esconde um poço nalgum lugar."

"A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixou cativar."

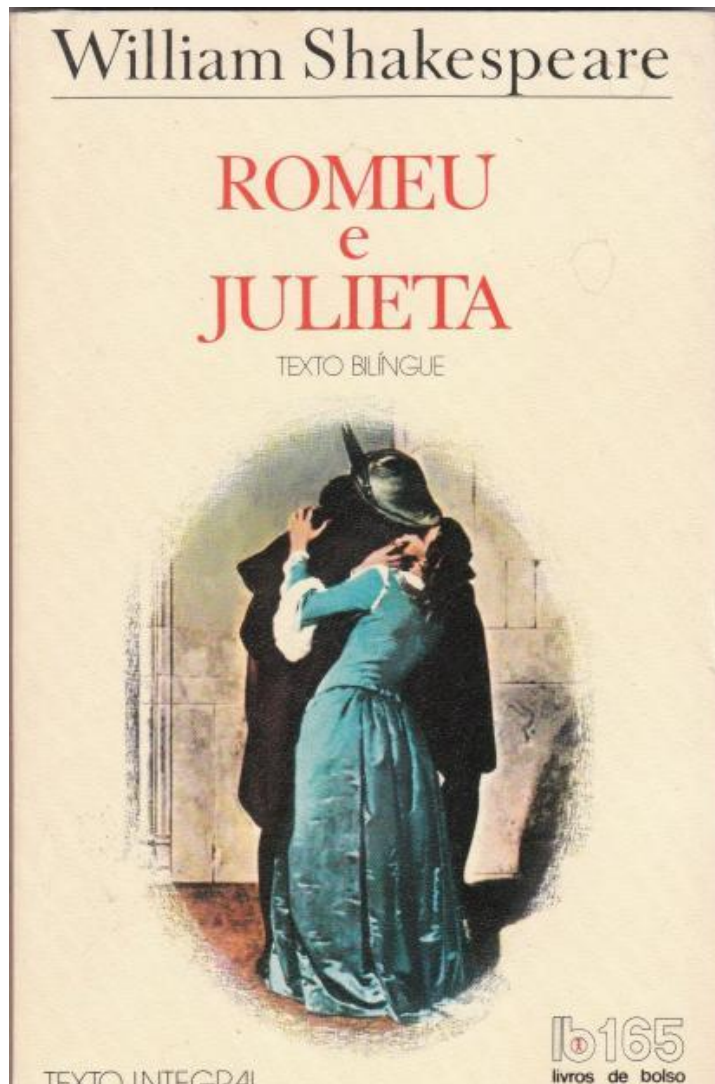
"É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas."

B) Agora, você é o escritor! Reescreva as frases mudando o sentido:

Exemplo:

É preciso que eu suporte duas ou três sogras se quiser conhecer a definitiva.

1) Faça um curto resumo do livro O Pequeno Príncipe.



Objetivo da leitura: Com mais de cinco séculos após a sua criação, Romeu e Julieta foi adaptado para literatura, teatro, música e cinema, com efeitos de comutação entre tragédia e comédia, é um livro que desperta atenção em seus leitores e conta com um enredo inteligente que valoriza sua história. Possui formas poéticas e mostra a evolução dos personagens no decorrer da história. É um clássico atemporal de Shakespeare e marcou o mundo (até os dias de hoje) com sua história de amor e tragédia.

Levou milhões e milhões de pessoas a teatros e cinemas para assistir suas várias versões de filmes, musicais e peças e fez de Shakespeare um nome mundialmente conhecido. O trabalho com o livro de Shakespeare terá como foco o estudo de gêneros textuais em português.

7.4.1 Gêneros textuais

Os gêneros textuais têm características comuns e são classificados através delas. Há vários tipos de gêneros textuais que promovem a interação entre emissores e receptores de determinado discurso, outros contêm características descritivas, informativas, narrativas etc.

Um texto pode conter mais de um tipo de gênero textual, o que se faz importante analisar e considerar o contexto de tal. Um exemplo disso seria uma receita de bolo que apresenta o modo de preparo (texto instrucional) e uma lista de ingredientes (texto descritivo). O livro de Romeu e Julieta igualmente conta com diferentes gêneros textuais (prosa, poesia, narrativo), e utilizaremos dessas diferenças para demonstrar os vários tipos e formas de escrita. Gêneros textuais, por sua vez, são particulares estruturas textuais que surgem dos tipos de texto (expositivo, injuntivo, descritivo, dissertativo -argumentativo, narrativo).

Textos expositivos

Textos expositivos, como o nome pode supor, possuem a função de expor alguma ideia. O texto expositivo utiliza a conceituação, definição, descrição, informação e a comparação.

São exemplos de gêneros textuais expositivos:

- Entrevistas
- Palestras
- Conferências
- Trabalhos Acadêmicos
- Seminários
- Enciclopédias

Textos injuntivos

O texto injuntivo é mais popularmente conhecido como texto instrucional, trata-se do texto que indica uma ordem, quando o emissor tem como objetivo persuadir, orientar e direcionar o receptor, apresentando, na maioria dos casos, verbos no imperativo.

São exemplos de gênero textual injuntivo:

- Receita culinária
- Propaganda
- Bula de remédio
- Regulamentos
- Textos prescritivos
- Manuais de instrução

Textos descritivos

Textos descritivos são textos repletos de adjetivos, tendo a intenção de apresentar ou descrever imagens, ações, pessoas, acontecimentos (entre outros) de acordo com a percepção de seu emissor.

São exemplos do gênero textual descritivo:

- Relatos
- Notícias
- Currículo
- Diário
- Lista de compras
- Cardápios
- Anúncios e classificados

Texto dissertativo-argumentativo

Marcado pela defesa de um ponto de vista, tenta persuadir os leitores através de suas ideias, responsável por expor assuntos através da argumentação e tem a sua estrutura dividida em três partes: apresentação, desenvolvimento e conclusão.

São exemplos de gênero textual dissertativo-argumentativo:

- Artigo
- Resenha
- Ensaio
- Carta de opinião
- Editorial jornalístico

- Monografias em geral

Texto narrativo

Os textos narrativos, muitas vezes podem contar com locutores e apresentam ações dos personagens em questão no tempo e espaço. É dividido em apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho.

São exemplos de te género textual narrativo:

- Conto de fadas
- Romance
- Novela
- Crónicas
- Lendas
- Fábulas

7.4.2 Atividades com o livro

Após a explicação dos géneros textuais e a leitura do livro *Romeu e Julieta* faremos uma roda de conversa acerca do livro. Perguntaremos se eles já haviam lido em suas línguas maternas, qual foi a sensação de reler em português, perguntar as palavras que eles não entenderam para explicarmos e faremos um mapa lexical com os acontecimentos da história.

A seguir, entregaremos as questões:

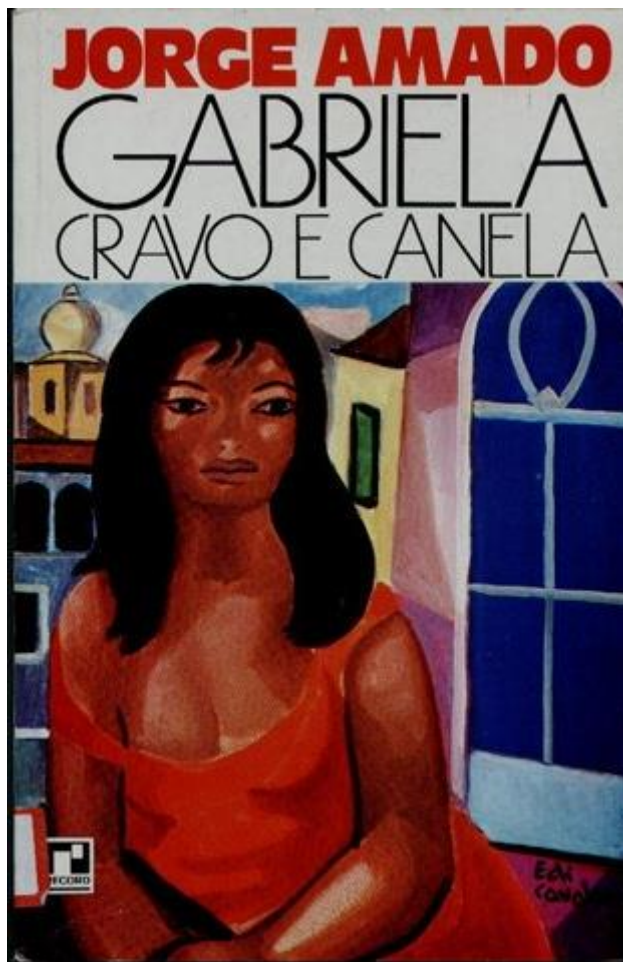
- 1) Por que o amor de Romeu e Julieta era proibido?
- 2) Quem é a família Capuleto e que segredos eles guardavam?
- 3) O que Teobaldo é de Romeu?
- 4) Descreva a cidade de Verona através dos detalhes encontrados no livro.
- 5) Quem são os Montecchios?
- 6) Romeu e Julieta tem irmãos? Quantos?
- 7) Por que Frei Lourenço é importante para Romeu?
- 8) O que dizia o bilhete que Frei Lourenço enviou a Romeu através de Frei João?

- 9) O que aconteceu com tal bilhete?
- 10) Copie uma parte do texto que tenha como característica o gênero textual descritivo.
- 11) Qual foi a confusão que causou a morte dos dois apaixonados?

Feita a investigação e atividades com os alunos, os alunos serão divididos em grupos e cada grupo será responsável por fazer uma apresentação e resumo de cada capítulo.

No resumo, eles deverão contar qual gênero textual encontraram em seu capítulo e copiar partes do texto que justifiquem. Farão uma adaptação do capítulo para o gênero narrativo e juntarão tudo com os demais grupos a fim de produzir uma peça de até 40 minutos para contar essa história.

7.5 LIVRO 4: *GABRIELA CRAVO E CANELA*, JORGE AMADO



O romance de Jorge Amado foi publicado em Portugal e foi seu livro com maior número de traduções, sendo traduzido para o alemão, árabe, búlgaro, catalão, chinês, coreano, dinamarquês, eslovaco, esloveno, estoniano, espanhol, francês, finlandês, grego, georgiano, hebraico, húngaro, inglês, holandês, italiano, lituano, macedônio, norueguês, persa, moldávio, sueco, polonês, russo, romeno, ucraniano, turco e checo. Escrito em 1958, virou novela no ano de 1960 e foi regravado em 1975 e 2012.

O livro de Jorge Amado é uma espécie de crônica de costumes, retratando a época vivida pelo Brasil e a comunidade em geral, marcada pela vida dos populares, sistema feudal brasileiro, relata a época do cacau, coronéis e jagunços. O livro narra a história de amor de Gabriela e o árabe Nacib e descreve as mudanças sociais ocorridas no Nordeste brasileiro nos anos de 1920, a abertura do porto e o início da exportação. A personagem Gabriela é uma forma de personificação das transformações sociais ocorridas naquele determinado tempo e sociedade, sociedade que ainda vivia debaixo de um sistema patriarcal, autoritário e arcaico e o início da renovação econômica, política e cultural.

7.5.1 Atividades sobre o livro

Unidade 1

Fonte de pesquisa: exercícios Brasil Escola e MEC.

Com tamanha popularidade, Jorge Amado e suas obras já viraram perguntas de vestibular, seguem algumas delas, de acordo com o site Brasil Escola e MEC:

1) São características da obra de Jorge Amado, exceto:

a) Produziu uma literatura ideológica nos anos 1930 e 1940, vertente que abandonou na última fase de sua produção literária, abrindo espaço para o romance de costumes provincianos, entre eles *Gabriela, Cravo e Canela* e *Dona Flor e Seus Dois Maridos*.

b) Depois de Lima Barreto e Euclides da Cunha, ambos representantes do pré-modernismo brasileiro, Jorge Amado certamente foi quem melhor apontou, por meio da literatura, as mazelas físicas, sociais e mentais do Brasil oligárquico e da Primeira República.

c) Em sua obra, destaca os marginalizados, os excluídos da sociedade, retratando-os de maneira estereotipada e folclórica.

d) A preocupação político-social foi um dos motes para a sua obra: denunciou a miséria e a opressão do trabalhador rural e das classes populares.

2) (Enem – 2010)

Texto I

Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

AMADO, J. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (fragmento).

Texto II

À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes. Curitiba os considera animais sagrados, provê as suas necessidades de cachaça e pirão. No trivial contentavam-se com as sobras do mercado.

TREVISAN, D. *35 noites de paixão*: contos escolhidos. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009 (fragmento).

Sob diferentes perspectivas, os fragmentos citados são exemplos de uma abordagem literária recorrente na literatura brasileira do século XX. Em ambos os textos,

- a) A linguagem afetiva aproxima os narradores dos personagens marginalizados.
- b) A ironia marca o distanciamento dos narradores em relação aos personagens.
- c) O detalhamento do cotidiano dos personagens revela a sua origem social.
- d) O espaço onde vivem os personagens é uma das marcas de sua exclusão.
- e) A crítica à indiferença da sociedade pelos marginalizados é direta.

Unidade 2

1) Após a leitura, fale sobre os personagens e suas características:

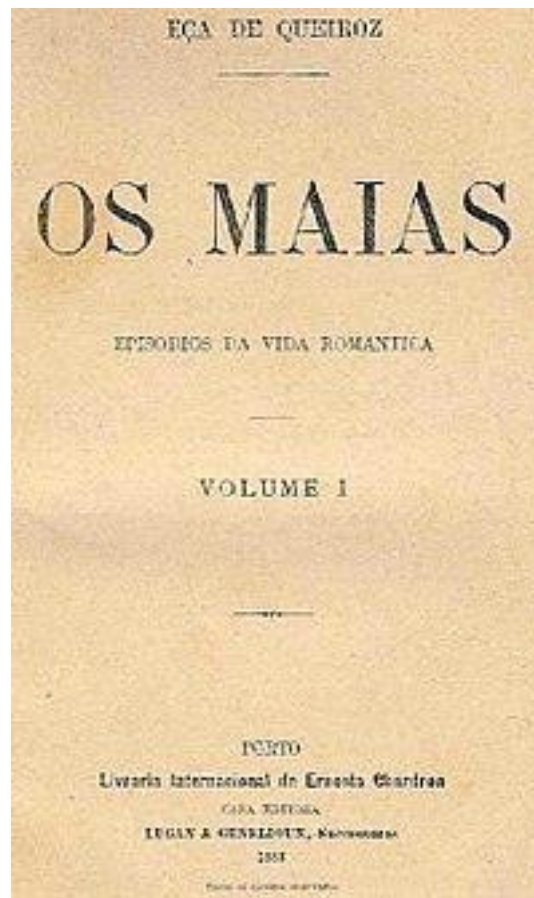
- a) Gabriela
- b) Nacib
- c) Professor Josué
- d) Dona Flor
- e) Maria Machado

2) O que movimentava a vida da pacata Ilhéus?

3) Qual era o cenário brasileiro na época em que o livro foi relatado (década de 1920)?

4) Qual era o cenário do seu país local na mesma época?

5) Qual era a influência do sistema feudal no cenário brasileiro?

7.6 LIVRO 5: *OS MAIAS*, EÇA DE QUEIROZ

Os Maias é a obra mais famosa do português Eça de Queiroz e foi publicado no ano de 1888. Relata a história de três gerações da família Maia, dando atenção para a história de amor de Carlos da Maia e Maria Eduarda. Foi adaptada para uma série em 1979, em Portugal, e virou minissérie em 2001, no Brasil.

Os livros *Gabriela, Cravo e Canela* e *Os Maias* podem ser trabalhados em paralelo ou um após o outro, fazendo ligações entre ambos, uma vez que têm contextos parecidos.

Os Maias tem uma abordagem científica, foi escrito na época em que as ciências floresciam. Fala de fatores hereditários, problemas sociais, famílias da época e como se dava o sistema patriarcal, demonstrando as relações com mulheres como luxúria e pecado.

Atividades sobre o livro:

- 1) Leia o texto a baixo:

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. **Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa** do Ramalhete ou simplesmente o Ramalhete. Apesar deste fresco nome de vivenda campestre, o Ramalhete, sombrio casarão de paredes severas, com um renque de estreitas varandas de ferro no primeiro andar, e por cima uma tímida fila de janelinhas abrigadas à beira do telhado, tinha o aspecto tristonho de Residência Eclesiástica que competia a uma edificação do reinado da sr.^a D. Maria I: com uma sineta e com uma cruz no topo assimilara-se a um Colégio de Jesuítas. O nome de Ramalhete provinha de certo d'um revestimento quadrado de azulejos fazendo painel no lugar heráldico do Escudo d'Armas, que nunca chegara a ser colocado, e representando um grande ramo de girassóis atado por uma fita onde se distinguiam letras e números d'uma data. Longos anos o Ramalhete permanecera desabitado, com teias d'aranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de tons de ruína (Queiroz, 1888, p.X).

- a) Como era conhecida na vizinhança a casa dos Maias?
- b) Por que era chamada de casa do Ramalhete?
- c) Por que parecia uma residência tristonha?

2) Indique os antónimos das palavras sublinhadas:

a) “Tinha três ou quatro meses mais que Carlos, mas estava enfezado”

- forte
- cansado
- definhado
- corado

b) Afonso da Maia, descoroçado com aqueles esforços vãos, (...) foi esquecendo a Monforte.

- animado
- desanimado
- confuso
- decidido

c) “Tinha cogitado muito”.

- vomitado
- pensado
- esperado

mostrado

d) “O administrador, porém, procurou-a debalde, com os olhos abertos pela sala.”

rapidamente

calmamente

com um balde

em vão

e) “Mas parecia-lhe que se queria fazer tudo à lufa-lufa...”

rapidamente

calmamente

com destreza

atentamente.

f) “A pobre mulher chegou lá a nossa casa embuchada.”

triste

angustiada

grávida

gorda

CONCLUSÃO

A globalização está a disponibilizar o conhecimento a um clique para todos. Nossos alunos não terão mais, apenas em nós, todo o foco do seu saber e poderão buscar o conhecimento por si só. Ensinar é uma tarefa árdua é difícil, ensinar uma segunda língua não é diferente.

É preciso mergulhar no universo da língua, sem esquecer da onde nossos alunos vieram. A literatura tem o poder de ligar o passado ao presente de nossos alunos, seus conhecimentos prévios e o conhecimento que querem adquirir.

Abordei, nesse trabalho, algumas vertentes da educação e formas como ela acontecem. Pedagogos e pensadores que se tornaram imortais e nos ensinaram a pensar no aprendente como um sujeito de direito e não só de deveres.

Com toda a minha integração no ensino de outro país e as dificuldades por mim sofridas, não havia como desassociar o ensino do português às classes que também imigraram. Hoje, meu contexto de imigração é diferente, resolvi mudar-me para a Irlanda para o melhor desenvolvimento do inglês e não tem como não me imaginar lecionando para alunos no mesmo contexto.

O mundo está mudando em uma velocidade muito rápida, pessoas vêm e vão, o mundo está crescendo e o português cresce com eles. Através da influência do Brasil, o português é ensinado em toda a América Latina, Estados Unidos, China (entre outros) e há tempos Portugal também rompeu as barreiras e fronteiras e levou o português a ser conhecido mundialmente.

Valorizando a literatura e formas lúdicas para ensinarmos o português de maneira mais efetiva e eficaz, precisamos sair das quatro paredes das escolas (e dos métodos tradicionais) e alcançar a atenção dos nossos alunos com tudo aquilo que temos de melhor disponível no nosso ensino. Seja literatura, música, filme, novelas, teatros, fica mais fácil aprender quando vivenciamos e fazemos o conhecimento fazer sentido aos nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Almeida, José. (2007). *Projetos Iniciais em Português para falantes de outras línguas*. Brasília: EDU- UNB.

Amora, Antônio (1961) *Presença da Literatura Portuguesa: História e Antologia*, vol.2, Difusão Européia do Livro.

Bagno, Marcos (2001). *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo.

Bernardes, Augusto e Mateus, Rui. (2013). *Literatura e Ensino do Português*, Fundação Francisco Manuel dos Santos

Bernardes, José Augusto Cardoso e Mateus, Rui Afonso (2013). *Literatura e o Ensino do Português*. Fundação Francisco Manoel dos Santos.

Brasil, Ministério da Educação. (2001). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: SEF/MEC.

“Características modo subjuntivo”. Disponível em:
<http://m.brasilecola.uol.com.br/amp/gramatica/caracteristicas-modo-subjuntivo.htm>
Acesso em: 10 mai 2017.

Cassab-Galvão, Vânia Cristina (2015). *Política de Promoção e Ensino da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo*. Pontes Editores.

Castro, Francisco Lyon (2002). *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Alfa.

Coutinho, Ismael (1976). *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Solivro.

Eurydice. (2009). *Integração escolar das crianças imigrantes na Europa*. Impresso em Portugal por: Editorial do Ministério da Educação; 35 p.

Freire, Paulo. (2014). *A Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

“Gabriela Cravo e Canela”. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Gabriela,_Cravo_e_Canela. Acesso em: 20 fev.

Gardner, Howard. (1994). *A criança pré-escolar: como pensar e como a escola pode ensiná-la*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Gardner, Howard. (1994) *Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

“Gêneros Textuais”. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/generos-textuais/> Acesso em: 20 mar 2018.

Hortas, Maria João (2013). *Educação e imigração: a integração dos alunos imigrantes nas escolas do ensino básico no centro histórico de Lisboa*. Lisboa: Estudos OI; 50, 244 p.

Leffa, Vilson Jose (2007). *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Editora da Universidade Católica de Pelotas.

Lepecki, Maria Lúcia (1979). *Romantismo e Realismo na obra de Júlio Dinis*. Instituto de Cultura Portuguesa.

Marchon, Maria Lúcia (1980). *A Arte de Contar em Júlio Dinis*. Livraria Almedina.

Maria da Glória Gohn (2006). *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval. pol. Educ.. Rio de Janeiro. pp. 37-38.

Massaud, Moises (1998). *A literatura portuguesa através dos textos* (29ª edição). São Paulo: Cutrix.

Menezes, Pedro Ribeiro. (1997). *As relações entre Brasil e Portugal – uma perspectiva pessoal*. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n. 1.

“O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/livro-o-pequeno-principe/> Acesso em: 15 mai 2017.

Osório, Paulo e Meyer, Rosana (2008). *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira*. Lisboa: LIDEL.

Perez, Luana Castro Alves. “Exercícios sobre Jorge Amado, Exercícios de Literatura”. *Brasil Escola*. Disponível em <https://m.exercicios.brasilecola.uol.com.br/amp/exercicios-literatura/exercicios-sobre-jorge-amado.htm>. [Acedido em: 15 fev 2018].

Santos, Kléber Aparecido da Silva Danúcia Torres dos (2013). *Português como Língua (Inter)Nacional: faces e interfaces*. Pontes Editores.

Savater, Fernando. (2005). *O valor de educar*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 229 p.

“Seu Próprio Diário”. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/blogs/estadinho/seu-proprio-diario/>. Acesso em: 29 mar.

Silva, Vitor Manuel de Aguiar (1973). *Teoria da Literatura*. (8a ed.). Coimbra: Estante Livraria.

“Verbos no Imperativo”. Disponível em: <https://www.conjugacao.com.br/verbos-no-imperativo/> . Acesso em: 10 mai 2018.

Zeni, Bruno e Furlan, Stélio (2012). *Romantismo e Realismo na Literatura Portuguesa*, IESDE Basil, Curitiba.